# NÓSMULHERES

Agosto/Setembro de 1977

N:6

Cr\$ 5,00



FABRICAR ENCERADEIRA NÃO É MOLE!

SEXO TAMBEM PRA NÓS

O DIVORCIO CHEGOU E DAI?

BRINQUEDOS: CADA MACACO NO SEU GALHO

MULHERES EM CARTAZ



Comum ouvirmos hoje em dia, das mais variadas pessoas e inclusive de mulheres verdadeiramente democratas, as seguintes frases: «O feminismo não é uma luta para países subdesenvolvidos como o nosso» ou «A luta pela senvolvidos como o nosso» ou «A luta pela emancipação feminina é importante, mas a luta pela emancipação dos trabalhadores é muito mais importante». Os que assim falam não percebem que as palavras feminismo e emanci-pação feminina podem ter vários significados e perdem seu sentido se não vierem acompanha-das de uma explicação. Acontece aqui o mesmo que acontece com outras palavras. Por exemplo, muitas pessoas que se dizem democratas estão na verdade querendo uma democracia que só sirva a um pequeno número de privilegiados e não uma verdadeira democracia, onde certos direitos básicos como o de pensar, se expressar e se organizar sejam direitos assegurados a todos os individuos e classes sociais. Ora, o feminismo pode também ter vários significados. Existem movimentos feministas na Europa e nos Estados Unidos, por exemplo, que acham que a mulher deve ser organizar para lutar contra o homem. Os que falam que o feminismo não é uma luta para países subdesenvolvidos, estão provavelmente pensando nesse tipo de feminismo. Mas no pensarem, não percebem que esse tipo de feminismo não só não serve aos países subdesenvolvidos como não serve a nenhum tipo de país, pois coloca a luta da mulher de uma forma incorreta.

## **EXPEDIENTE**

CONSELHO EDITORIAL: Ana Maria Es'evão, Bia Kfouri, Oliviero Macedo, Cida Aidar, Gynthia Sarti, Fátima Almeida, Fer-nanda Colonnese, Jany Raschkovsky, Laura Salgado, Leda Cristina O. Galvão, Maria Salgado, Leda Cristina O. Galvao, Maria Inês Castilho, Maria Inez Zanchetta, Marii Gonçalves, Maria Moraes, Renata Villas Boas, Ri·a de Luca, Sara Goldman, Solan-ge Padilha, Susana Kfouri. COLABORADORES: Ciça, Bia Albuquer-

COLABORADORES: Ciça, Bia Albuquer-que, Débora Annenberg, Fernando, Gil Epstein, Hélio Campos Mello, Henfil, Ignatz, João Bivar, Laerte, Lilian Baroni, Lucia, Marion Frank, Marlene, Moema, Nair Bene-dicto, Vera Simonetti, Paulo Vaskoncellos, Associação Feminista da Bahia, Clube das mães da Zona Sul.Conceição Cahú

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Anamar

ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO: Rua Fidalga, 548 - sala 26 - V. Madalena, São Paulo (SP!

Composto e impresso pela Empresa Jorna-gica AFA- Av. Liberdade, 704 - Tel.:

que seria então o feminismo para vocês? Qual seria a maneira correta de colocar a

A têndencia de todas nós, mulheres feminis-A tendencia de todas nos, mulheres teminis-tas, é a de responder a esta pergunta de uma maneira defensiva: «Nós não separamos a luta pela emancipação femínina da luta-mais ampla pela emancipação do ser humano em geral». Defensiva porque, ao dizermos isto, apenas estamos querendo mostrar que não somos con-tra os homes, que não somos contra isto. tra os homens, que não somos contra isto e aquilo. Ou seja, dizemos o que não somos e o que não pensamos, mas não definimos clara-mente o que entendemos por emancipação fe-minina, por emancipação do ser humano e a ligação que existe entre essas duas coisas

A grande existe entre essas duas coisas.

A grande aspiração da maioria do povo brasileiro, hoje em dia, é viver numa sociedade em que todos tenham suas necessidades básicas atendidas. Ou seja, onde todos tenham o que comer, onde dormir, o que vestir, possam estucomer, onde dormir, o que vestir, possam estu-dar, trabalhar, cuidar da sua saúde, se divertir, pensar, falar, agir e se organizar livremente. Essa aspiração, nada mais é do que a vontade de viver numa sociedade democrática e onde haja uma justa distribuição da renda. É lógico que essa maravilha não vai cair do céu e que vai precisar de muita luta para que essa sociedade seia conquistada.

seja conquistada.

Certo, mas as mulheres? Onde é que elas entram nessa história toda? As mulheres são nada mais, nada menos do que *metade* da população brasileira. Metade da população que, na sua grande maioria, não participa ativamente das transformações sociais. Mesmo quando tra-balham, as mulheres não participam nos seus sindicatos. São pouquissimos as que partici-pam de associações de bairro, de clubes de maês e de outros tipos de associação. Muitos pensam, homens e mulheres, que basta o ho-mem participar. Que a mulher pode e deve ficar cuidando da casa e dos filhos. Que participação é política e que política é coisa de homem. Mas será que só os homens vão conseguir mudar a situação? Que metade da população pode ficar em casa, pois a outra metade se encarrega da parada? A história prova que não. Sempre, em todos os grandes momentos da história mun-dial, a mulher percebeu a importância de sua participação e participou ativamente. Assim, lutar para que a mulher contribua ativamente, junto com o homem, para as transformações da sociedade é também lutar pela emanci-pação feminina. A luta pela emancipação femi-na é, portanto, parte integrante da luta por uma sociedade mais justa e democrática. Então nos perguntariam: «Mas se a luta femi-

nista é isto, porque é necessário que as mulheres, além de lutarem e se organizarem junto aos homens, lutem e se organizem também em associações de mulheres?». O fato é que a luta feminista não é só isso, ela vai além disso. A muther sofre também uma opressão específica pelo simples fato de ser mulher. Ela tem mais pelo simples tato de sei filulitat. Eta telli mais dificuldade de arrumar emprego, principalmente se for casada e tiver filhos, ela é despedida do emprego se casar ou ficar grávida, ela ganha menos que o homem pelo mesmo trabalho, ela cumpre, quando trabalha fora, uma dupla jornada de trabalho, ela se responsabiliza sozinha pelo trabalho doméstico e pela educação dos filhos (tarefa que deveria ser em muitos aspec-tos assumida pelo Estado, e, em outros, assu-mida pelo casal, ela sofre constantes atamida pelo casal, ela sofre constantes ataques sexuais, seja em casa, na rua ou no trabalho. Enfim, a mulher não é tratada como um ser que tem os mesmos diteitos e os mesmos deveres que o homem. São muitos os homens que acham que a mulher é e deve ser tratada como um ser igual ao homem. Mas são somente as mulheres, porque isto as toca diretamente, organizadas e lutando por suas reinvidicações específicas, que terão a força necessápara mudar essa situação.

para mudar essa situação. Mas, nos dizem «será que todos esses proble-mas específicos da mulher não serão resolvidos numa sociedade em que haja uma melhor distri buição de renda e uma maior participação polí-

tica?

tica?».

Sabemos que é sómente numa sociedade que garanta à toda a população boas condições de existência, de trabalho, de estudo e liberdade e indepêndência para se organizar política e sindicalmente, que estarão dadas as condições para se alcançar a emancipação feminina. Nesse sentido, pode-se dizer também que a luta por esse tino de sociedade é narte integrante da luta. esse tipo de sociedade é parte integrante da luta pela emancipação feminina. Ou seja, a demo-cracia brasileira, entendida dessa forma, precisa da mulher assim como a mulher precisa da democracia. Mas se esse tipo de sociedade é uma condição necessária para a emancipação feminina, essa condição não é suficiente. A história mostra que mesmo nas sociedades que já conseguiram alcançar um maior grau da igualdade e democracia, a mulher continuou a sofrer uma opressão específica. Enquanto a mulher não atingir a plena igualdade de direitos e deveres é necessário, portanto, que exista uma luta organizada e independente de mulhe-

res.
O femínismo, entendido dessa forma, serve não somente aos países subdesenvolvidos, mas a qualquer país onde ainda existam homens e mulheres oprimidos.

## "NÓS MULHERES" AGRADECE

A gente estava mesmo sem dinheiro. Devendo e sem saber como fazer este número. Nisso, veio a idéia de dar uma festa, não só para comemorar um ano de jornal, o que já é um heroismo, como também para nos tirar do «bu-

raco».

Nos preparamos durante um mes e no dia 23 de julho, uma festa estava montada na Fundação Getúlio Vargas. Exposição de gravuras, quadros, desenhos, fotos. Venda de livros, discos. Música ao vivo, com conjuntos de chorinho e samba rasgado. Um filme para o mais intelectuais, e para animar: salgadinhos e vinho. Era uma quinta-feira e o dia coincidia com o jogo Brasil- ficamos com medo de não aparecer

ninguém, afinal futebol é futebol. Mas no fim, vieram umas 500 pessoas e apesar do trabalho, foi uma noite animada e de muita solidariedade com Nós Mulheres.

Nosso grupo trabalhou muito, mas não fosse o apoio que tivemos de mulheres e homens que nos ajudaram dando quadros, fotos, tocando de graça, de nada valeria nosso esforço

O resultado foi que conseguimos liquidar nossas dividas e ainda nos sobrou dinheiro para lançar este e o próximo número. Verdade que não resolvemos de vez nosso problema financeiro, mas a solidariedade nos fez avançar mais um

nulheto aos
m em
a luta
sso. A
acifica
mais
mente
da do
ganha
o, ela
jornazuinha
o dos
aspecassus atabu no
como
mesos os
ve ser
as são
a direreinvicessá-

# TA NA CARA









A propaganda é uma mentira, um mundo ilusório que cria todo dia novas necessidades. Absolutamente desnecessárias. E cuidado: se você não tiver isso bem claro, pode começar a odiar a sua própria imagem, porque não tem a pele branca e macia, o rosto sem rugas, os cabelos loiros ou aquele corpo fantástico

Nós Mulheres somos fortes, mas a propaganda nos faz frágeis, burras, e «gostosas»; porque é assim que essa sociedade nos usa para vender seus produtos. No entanto somos tantas. E por trás dessas imagens há força, inteligência, trabalho, miséria. E opressão.





# VOCÊ NÃO VÊ?



o fim, balho, edade

lvidos

de que bes de dade e e sindições . Nesta por da luta

isa da lade é pação

au da luou a into a

reitos

nulhe-

fosse is que ido de

quidar o para e que anceiuis um

# IACIONA



Na noite de 11 de agosto mais de 4 mil pessoas reuniram-se para comemorar os «150 anos da criação dos Cursos Jurídicos no Brasil», na Faculdade de Direito do Largo de São Fracisco. Uma homenagem foi prestada aos que mais se destacaram na luta pelos direitos humanos. Vários oradores discursaram

e, em seguida, em meio a grandé entu-siasmo popular, foi realizada uma pas-sea a pelo centro da cidade. Cerca de 7 mil pessoas pediam uma Constituinte soberana; anistia aos presos políticos; vol·a dos militares aos quartéis; elei-ções diretas; enfim, amplas liberdades democráticas

## TREZE ANOS É DEMAIS

Os trabalhadores pedem democra-cia; os estudantes saem às ruas Pelas Liberdades Democráticas; as mulheres Liberdades Democraticas; as mulheres se reúnem a outros setores na luta democrática e propõem uma anistia ampla e irrestrita; a Igreja fala da necessidade de liberdade e melhores condições de vida para a maioria do povo brasileiro. Os políticos que representam realmente o povo problamam

que só é legítimo o governo eleito pelo voto direto. Juristas dirigem à Nação uma carta pedindo a volta da democra-cia. Todos esses setores e ainda outros, como jornalistas, professores etc., se organizam para exigir um novo regime, que alivie o País do peso que tem sido imposto nesses últimos anos. Todos esses setores pedem uma demoeracia de verdade, onde todos, não só uma pe-quena minoria de privilegiados, participem da condução econômica e políti-

# "'Carta Aberta"

No dia 8 de agosto o professor Gof-fredo da Silva Telles Jr. leu o documento «A Carta aos Brasileiros», já com assinatura de 93 juristas, no qual defende a urgente necessidade de se cón-vocar uma Assembléia Nacional Cons-tituinte, como única forma de sair do

tituinte, como única forma de sair do impasse em que vive o País. Abaixo, os principais pontos da carta:
«Somente o Povo tem competência para escolher seus representantes. Somente os representantes do Povo são legisladores legítimos. (...)
A ordem imposta, vinda de cima para baixo, é ordem ilegítima. (...) Imposta, a ordem é violência.
Proclamamos que o Estado legítimo é o Estado de Direito é o Estado Constitucional.
Os outros Estados, os não-Constitu-

Os outros Estados, os não-Constitu-cionais (...) são os Estados cujo Gover-no não tolera crítica e não permite contestação. São os Estados-Fim, com Governos obsecados por sua própria segurança, permanentemente preocu-pados com sua sobrevivência e conti-

Esses Estados se chamam Estados de ato. Os otimistas lhes dão o nome de

Estados de Exceção.

O que os Estados de Fato, Estados

Policiais, Estados de Exceção, Sistemas de Força apregoam é que há Direitos que devem ser suprimidos ou cercea-dos, para tornar possível a execução dos ideais desses próprios Estados e

sistemas.

Por exemplo, em lugar dos Direitos Humanos, em lugar do habeas corpus, em lugar dos cidadãos poderem eleger seus governantes, esses Estados e Sistemas colocam, freqüentemente, o que chamam de Segurança Nacional e Desenvolvimento Econômico.

Aprendemos que Ditadura é o regime, por excelência, da Segurança Nacional e do Desenvolvimento Econômico. O Nazismo, por exemplo, tinha por me a o binômio Segurança e Desenvolvimento.

O que dá sentido ao desenvolvimento o que da sentido ao desertovimento nacional, o que confere legitimidade às reformas sociais, o que dá autenticidade às renovações do Direito são as livres manifestações do Povo, em seus órgãos de classe, nos diversos ambientes da

Quem deve propulsionar o desenvolvimento é o Povo organizado, mas livre, porque ele é quem tem competência, mais do que ninguém, para defender seus interesses e seus direitos.

Sustentamos que uma Nação desenvolvida é uma Nação que pode manifestar e fazer sentir sua vontade. É uma Nação com organização popular, com sindicatos autônomos, com centros de debates, com partidos autênticos, com veículos de livre informação. É uma dirigente e tem meios para introduzir sua vontade nas deliberações governa-mentais. É uma Nação em que se acham abertos os amplos e francos canais de comunicação entre Sociedade Civil e Estado.

A consciência jurídica do Brasil quer

uma coisa só: O Estado de Direito, já»

# SEM PALAVRAS

Ano passado, quando começou a campanha eleitoral para vereadores e alguns prefeitos, o rádio e a televisão ficaram mudos. Pouco antes o governo inaugurou a campanha com a conhecida «Lei Falcão». As eleições sofreram novas restrições com essa lei que proibia a propaganda eleitoral no rádio e na tevê. Os programas mantiveram sua normalidade: as novelas nas horas de sempre, o mesmo «Fantástico», ou «Sílvio Santos». De vez em quando algumas caras estranhas de candidatos com legendas dos partidos apareciam no vídeo e lembravam que havería eleições no País. Passadas as eleições, a política continuaria a não perturbar o cotidiano das senhoras e senhores telespectadores. Quando muito, veriam algum discurso do presidente da República, ou alguma nota de ministros. algum discurso do presidente da Repu-blica, ou alguma nota de ministros. Mas tudo tem um porém, e a «Lei Falcão» deixava uma pequena brecha aos políticos do MDB e ARENA: pode-riam falar duas horas por ano através do rádio e da televisão. Não é muito, mas em todo caso, o MDB resolveu não do rádio e da televisão. Não é muito, mas em todo caso, o MDB resolveu não jogar fora esse seu pequeno direito. Houve o famoso programa, no qual falaram o deputado Ulysses Guimarães, o então deputado Alencar Furtado, o senador Franco Montoro e Alceu Colares, também deputado. A maioria da Nação escutou os discursos, mas, dias mais tarde, o deputado Alencar Furtado era cassado. Entretanto, existem setores da oposição que insistem em seu direito de livre expressão. Os discursos de encerramento do Simpósio «Jornadas Democráticas» deveriam ser ouvidos por toda população de São Paulo. Sabia-se com antecedência que no dia 20/08 as palavras dos deputados. Alberto Goldman, Robson Marinho e Natal Gale conteriam críticas ao governo. Para evitar que isso ocorresse, o presidente Geisel interveio como so poderes que lhe dá o Al-5 e cancelou o programa. Depois do pacote de abril, o pacotinho de julho. Através de Ato Complementar à «Lei Falcão» está «temograriamente cancelas» culaduer macomplementar à «Lei Falcão» está «temporariamente cancelada» qualquer ma-nifestação política, nas emissoras de rádio e televisão brasileiras, que não estejam conforme as idéias do atual

governo.

O discurso do deputado Goldman diria: «Vivemos a paz dos cemitérios. Vivemos a paz obtida pela força e pelo poder dos instrumentos de opressão e não aquela paz proveniente do apoio e consenso popular».

De um mês para cá, os jornais têm comentado com insistência e tentado adivinhar quem será ou não candidato à presidência da República. Quem tem

mais ou menos «chances».

Alguns nomes já parecem bem cotados para o páreo. O General João Bap'is'a Figueiredo, chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI); o General Sylvio Frota, Ministro do Exército, e mesmo um civil, o Senador Ma galhães Pinto. É cláro que em um momento de amplo debate sobre a democracia, a sucessão cria grande impacto. Os defensores do atual regime pensam resolver os problemas econômicos e políticos do País com a continuação do autoritarismo.

mecos e pontreos do rais conta contamação do autoritarismo.

A maioria da população será mantida fora da vida política nacional e uma
vez mais o presidente será imposto, já
que o powo não tem direito de eleger seu
representante máximo e tem cada vez
menos influência nos resultados
eleitorais após as reformas de abril,

Os altos oficiais das Forças Armadas
indicarão o nome do sucessor do Presiden'e Geisel. O povo marginalizado da
vida política do País -será informadodo que acontece. E o retorno à democracia, como sempre, será adiado. Enquanto isso, os 'trabalhadores continuarão proibidos de ter sindicatos representativos, de fazer greves para defender seus direitos. Os estudantes coninuarão sendo presos e expulsos das tinuarão sendo presos e expulsos das universidades. O aumento do custo de vida seguirá seu curso e as condições de vida e !rabalho não sofrerão nenhuma

Enfim, a Nação continuará sem pa-



tui lut

Est cêr

# A MULHER EM QUESTÃO

# Em "Ordem Alfabética" NA BAHIA



Feita a identificação dos estudantes detidos ontem pela polícia de Brasilia, numa delegacia da Asa Norte, anunciou-se que a liberação se proces-saria por ordem alfabética.

lade

adas

n pa-

A primeira a ganhar a porta da rua foi Rosa, filha do ministro Quandt de

liveira, estudante de Economia». Da Folha de São Paulo de 26 de julho

# "Carta aos nossos filhos"

A luta pelas liberdades democráticas toma cada vez mais impulso em nosso País, e nesse processo são cada vez mais impulso em nosso país, e nesse processo são cada vez mais numerosos os setores da sociedade que sentem a necessidade de expressar a sua opinião.

Os estudantes sempre foram uma parcela importante dos combatentes pela democracia e nada mais salutar e vigoroso que o renascimento do movimento estudantil que vem ocorrendo durante este ano de 1977. A forma como a população tem recebido suas manifestações, o apoio que outros setores têm dado às suas lutas, proyam a justeza deste movimento. Ao mesmo tempo causa indignação ver os cães policiais, os brucutus, os soldados armados, as invasões e prisões nas universidades.

Diante de tal s.tuação, seriá difícil às mães de alunos, que também lutam, eacreditam numa verdadeira democracia, assistirem caladas às arbitrarieadedes que têm ocorrido. Por isso constituíram-se numa comissão de mães, na luta pelos direitos humanos.

versidades.

Diante de tal s.tuação, seria diffcil às mães de alunos, que também lutam, e acreditam numa verdadeira democracia, assistirem caladas às arbitrariedades que têm ocorrido. Por isso constituíram-se numa comissão de mães, na luta pelos direitos humanos.

Abaixo, trechos da Carta Aberta aos Estudantes, feita por elas:

Ao longo de sua infância e adoles-

cale assistrem caladas as arbitrárelea.

des que têm ocorrido. Por isso constituíram-se numa comissão de mães, na luta pelos direitos humanos.

Abaixo, trechos da Carta Aberta aos Estudantes, feita por elas:

Ao longo de sua infância e adolescência, procuramos transmitir-lhes conceitos fundamentais sobre a pessoa humana e sobre a vida em sociedade.
Ensinamos que a convivência entre os homens requer respeito e compreensão, para que divergências não levem- as pessoas a se tratarem como inimigos e para que o confronto de idéias nãose faça com recurso à violência.

Nunca admitimos que os direitos humanos fossem dádiva ou concessão de Estados e de governo.

Sempre reconhecemos ser direito e

São Paulo.

Um imenso esquema de repressão policial foi mobilizado, com os mais sofisticados apetrechos. (...)

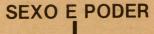
Vocês se portaram à altura de sua restrição de seus direitos e não aceitando as inúmeras provocações. A sua luta des sua restrição de seus direitos e não aceitando as inúmeras provocações. A sua luta des sua restrição de seus direitos e não aceitando as inúmeras provocações. A sua luta des sua restrição de seus direitos e não aceitandos as respectoreza de capacidade para de sa factura de sa respensão por so provente de sua respensações. A sua luta de sua restrição de seus direitos e não aceitandos as inúmeras provocações. A sua luta de sua restrição do seus direitos e não a

Cada vez mais as mulheres começam a perceber a importância de sua organização. No Brasil, nos últimos meses, surgiram alguns grupos entre os quais a Associação Feminista da Bahia.

A proposta da Associação é «defender os direitos de igualdade civil e política da mulher, integrando-a na luta do conjunto da sociedade pela transformação social das relações humanas e de trabalho, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa». A Associação pretende «manter contatos com outras organizações de mulheres e entidades representativas da sociedade; divulgar a situação real da mulher (...). E ainda lutar por: creches, refeitórios, lavanderias públicas (...); por melhoria salarial de todos os trabalhadores e cumprimento e ampliação dos direitos trabalhistas da mulher; contra a discriminação apresentada no Código Civil, apoiando também outros movimentos que beneficiem a maioria da sociedade».

Todo o apoio às companheiras baia-

Todo o apoio às companheiras baia Os interessados podem pedir informações no seguinte endereço: Rua Aristides Novais, 101 - Federação



Isto É de 3 de agosto de 1977 publi-cou reportagem sobre revistas porno-gráficas que usam fotos de crianças, na Europa e Estados Unidos. Aqui, a per-versão sexual envolvendo crianças é um versão sexual envolvendo crianças e um fato comum. Um trecho da matéria: «Em furioso artigo de capa, no número de agosto da revista MS., a feminista Gloria Steinem explica o fenômeno como o resultado lógico da educação machista imposta aos homens, desde a mais tenra idade. Aos homens se ensi-naria que o sucesso (no sexo, inclusive, pur principalmente) depende sempre da naria que o sucesso (no sexo, inclusive, ou principalmente) depende sempre da dependência ou da subserviência de outra pessoa na maioria dos casos, de uma mulher. A maioria dos participantes, indefesos, explorados, humilhados e desumanizados pela indústria pornográfica, pertence ao sexo feminino.»





No início desse ano, 28 de abril, foi instalada em Brasília uma Comissão Parlamentar de Inquérito, para inves-tigar os problemas e as discrimi-nações que existem contra a mulher no

nações que existen contra a munier no Brasil.

Essa CPI, coimo todas, proposta e analisada pelos deputados e senadores, deve em princípio ser informada dos problemas, para futuramente propor soluções às discriminações existentes.

No dia 18 de julho, o senador Gilvan Rocha, que é o presidente dessa CPI, esteve na Câmara Municipal de São Paulo para discutir com as mulheres daqui e se informar sobre a sua situação. Estavam presentes o Centro de Desenvolvimento da Mulher, os jornalis «Nos Mulheres» e «Brasil Mulher», o Movimento Feminino do MDB, donas de casa, empregadas domésticas, jornalistas, intelectuais etc. Apesar de ter

de casa, empregadas domésticas, jornalistas, intelectuais etc. Apesar de ter sido uma reunião pequena, as mulheres e homens presentes discutiram até a 1h30 da madrugada os problemas da mulher em casa, no trabalho, na vida social, na educação etc.

Vamos ver agora como evolui esse trabalho e de que forma nossas queixas serão a tendidas. O Senador Nelson Carneiro é o grande inspirador dessa Comissão. Esperamos somente que seus resultados não demorem tanto quanto foi preciso esperar pelo divórcio, nem que as decisões tomadas sejam tão distanciadas da discussão popular como também foi o caso do divórcio.

«Depois de 188 dias de prisão, Raul Street, o Doca, na sociedade, está em liberdade. Conseguiu habeas-corpus esta semana e, enquanto aguarda jul-gamento, aproveita para escrever um livro e uma série de sambas-canções inspirados em sua vida e em seu crime; além disso, atenderá os clientes que continuam a confiar-lhe investimentos («daí meus salários estarem em dia»).

Sem habeas corpus, sem autobiogra-fia e sem sambas, os três rapazes que há pouco tempo, no volante de um Camaro, assassinaram uma sinfeliz mundana» na Avenida Rebouças, tammundana» na Avenida Rebouças, tam-bém estão soltos. Os três são menores. Ao divulgarem como morreu a moça da Rebouças, apanhada e arrastada pelo Camaro, os jornais foram impedidos de divulgar, Jambém, os nomes e as fotos dos «três meninos ricos.» Ao contrário dos casos de outros menores.»

# O DIVORCIO CABOCLO

Na Itália, o divórcio foi conquistado através de uma luta popular que o vinculava a lutas mais amplas: justiça para homens e mulheres, direitos iguais, condições de vida dignas, num mundo em que haja oportunidades de realização para todos e em que homens e mulheres possam ser solidários e felizes, juntos. E no Brasil, como surgiu o divórcio?

\*Dizem que o divórcio foi aprovado\*, dizia dona Mariazinha, viúva de meiaidade, residente no Parque Edú Chaves. Apreensiva, preocupada mesmo, ela gesticulava e contava às vizinhas na porta de casa a estória do divórcio, sem entender muito bem o que queria dizer tudo aquilo. «Os desquitados poderão casar de novo no civil? Vão ser solteiros? E os filhos do primeiro casamento? E os do segundo? » Pois é! Tais perguntas não estão só na cabeça de dona Mariazinha, mas na de todas nós. A verdade é que pouco está definido a respeito do tão comentado divórcio. Sabemos que é uma emenda à Constituição e que permitirá dissolver o casamento. Assim, os casais separados há mais de 5 anos, ou desquitados (isto é, separados legalmente) há mais de 3 anos, poderão se divorciar. Por enquanto é o que sabemos, e às perguntas de dona Mariazinha, acrescentamos mais uma: O que mudae o que ganha a mulher com isso? Será mais um abacaxi, que como outros ela terá de descas-car sozinha? Enfim, as respostas só teremos em setembro, quando se votar e se esclarecer definitivamente comes a lei que regula o divórcio.

UM PRIVILEGIO — De uma coisa sabemos: ele será caro. Alguns advogados estáo calculando entre cinco e vinte mil cruzeiros, e dependendo do advogado poderá custar até 30 mil cruzeiros. Desta forma, nem todos os ca-

sais terão condições de pagar as despesas de um divórcio. E para quem está preocupado em garantir para si e para os filhos um lugar para morar, roupa e comida, o divórcio será uma questão secundária. A sobrevivência é mais importante. Mas, mesmo sendo um privilégio de uma parcela da população, é importante discuti-lo. Isso porque não surgiu de uma reivindicação popular, de todos nós. A verdade é que a discussão do divórcio e sua votação limitou-se ao Congresso. No agitado dia da votação final, as pessoas que lotavam as galerias para assistir, eram, em sua maioria, sócios do Clube dos Desquitados, que reúne em Brasília centenas de homens e mulheres em tal condição. Essas pessoas tinham todo interesse na questão. Mas, foram por acaso ouvi-das? Mesmo durante a votação no Congresso tiveram, muitas vezes, de conter o seu entusiasmo, pois, caso contrário, seriam mandados para fora das galerias. Seja como for, os louros da vitória cabem ao pai da proposta, Senador Nelson Carneiro, que exatamente há 26 anos vinha lutando por sua implantação no Brasil. Após as reformas de abril, para se aprovar uma emenda não é mais necessária a maioria de dois terços do Congresso, pois as reformas permitem a aprovação com número menor de parlamentares: a metade mais um. Assim, a apresentação do projeto divorcista veio na hora oportuna, tentando desviar a atenção de assuntos mais importantes como o custo de vida, a inflação e o próprio reces so parlamentar.

DIVÓRCIO À BRASILEIRA — Aqui, o divórcio não foi resultado de uma reivindicação popular, espontânea, e, como tal, corre o risco de se transformar em simples questão de rótulo. Substitui-se desquite por divórcio, e

não se faz nada para mudar a situação que cria o conflito na relação entre homens e mulheres. Não será a regulamentaçlão do divórcio que alterará o quadro do relacionamento homem/mulher, nem a concepção de casamento existente em nossa sociedade. Aí está o problema. Enquanto a mulher, solteira, casada, divorciada, desquitada não importa o rótulo que tenha não puder desenvolver integralmente seu potencial; enquanto continuar a encarar o casamento como o principal objetivo, espécie de emprego; enquanto ela não repudiar sua condição de objeto de adorno; enquanto considerar o casamento como única forma de exercer seu direito à sexualidade, ela dificilmente conseguirá um relacionamento sadio

com o sexo oposto. O homem, ao contrário, é educado a ter iniciativa própria, a enfrentar as dificuldades, a buscar segurança em si mesmo e é incentivado em seus mais variados interesses. Está acostumado a usar e abusar de sua sexualidade. Não será, pois, uma lei que mudará tal situação.

Ao contrário, as transformações virão através da abolição de qualquer forma de discriminação sexual e da divisão sexual de trabalho, tal como se faz em nossa sociedade. Através de oportunidades e salários iguais. Só desta maneira o divórcio terá significado e representará um passo decisivo na luta da mulher e do ser humano em geral, no pleno exercício de seus direitos.



## MARIANA COM A PALAVRA!

Ela tem 30 anos, dois filhos: um de 11 e outra de 8 anos. Ficou casada durante 11 anos e está desquita há três. Se quiser poderá se divorciar. Relata aqui um pouco de sua experiência, de seu desquite, de quando ficou sozinha com as crianças para enfrentar a vida, a sociedade, a família e ela mesma. Uma luta contra as barreiras e os obstáculos (tentando se impor como mulher e gente) criados em torno da DESQUITADA.

«Da primeira vez, a separação foi muito conversada. Ele não tava legal e u sugeri que saísse de casa. Ele achou que era a solução. Depois de oito meses voltou e ficamos juntos por-mais sete anos. Quando saiu definitivamente, eu tinha raiva, mas era uma coisa mais madura. Dessa vez eu ia sair com a cabeça erguida, como gente e não criança boba. Sentia vergonha de assumir que ele não tava mais em casa, na frente das crianças, da empregada. Um belo dia acordei e não senti mais sos. Foi um alivio. Trabalhava e continuei trabalhando, não quis nada dele. Só para as crianças. Eu não posso dizer que reconstruí minha vida. Me sinto truncada, sabe? Não posso mais ter filhos, e eu queria, e não arranjei um companheiro, outra pessoa que eu curtisse. Mas, ao mesmo tempo, sou dona do meu nariz e o pior eu já passei. Tô começando agora a pensar em mim, tenho que ser eu, em cima das minhas duas pernas e da minha cabeça. En-

frentando tudo. È claro que dá medo! Mas a gente já tá mais segura, vai forjando essa seguraqua. Já sei ficar sozinha. Um novo casamento? È..., pensar em morar de novo com alguém fica dificil, é complicado. Na verdade a gente tem uma revolta. «Por que isso foi acontecer comigo?» Mas ao mesmo tempo dá uma força enorme. Você tem que ace. "o fato consumado, fazer as crianças a citarem, e hoje me dá um grande alívio me ver diante desse quadro. Parece que estou livre de um peso no meu corpo e na minha alma. Pensar em viver com outro cara implica em conviver um tempo com ele, pois a gente já adquiriu liberdade e independência e tem medo de perder isso, conquistado a tão duras penas. Dificuldades? Encontrei muitas. Nem a gente, nem a sociedade está preparada pra essa situação que taí criada. Não sou a única desquitada. Como eu existem milhares de mulheres sozinhas e nossa sociedade enão está estruturada

prá isso. É tudo em função da família. É é assim na rua, na escola das crianças. Nas reuniões da escola vão os casais. Casais que se entendem. Mas, por mais evoluida que seja a pessoa, tem um monte de gente aí agarrada, pendurada no casamento, com medo da solidão, de enfrentar o mundo aí fora. Quando a gente diz que é desquitada, todo mundo olha. Existe o preconceito porque as pessoas não estão preparadas pra essa situação, que afinal não é nova. Por exemplo, no prédio que eu moro, sou a única desquitada e as pessoas têm problemas. Falam diferente comigo. Se eu tivesse um homem em casa, aposto que seria diferente. As coisas já estão estruturadas para que o homem resolva algumas coisas e a mulher outras. Aí você vê o preconceito de família e o problema da mulher. Você é só um objeto e acabou. Não se aceita que a mulher seja gente, que tenha capacidade de dirigir um Banco. Tem que ter um homem atrás, sempre, principalmente em questão de negócios. Se ela tenta fazer um negócio sozinha, as pessoas acham estranho, é esquisito. Eu já suberei essas coisas. No começo eu tinha vergonha, mas as pessoas me diziam: «Você é forte, você agienta». E ficar sozinha, sem um homem na retaguarda, é ficar sozinha MESMO.

Divórcio? Eu acho que não vai mudar nada. Antes de tudo acho que no Brasil, o divórcio não era prioritário. Não é salvação, solução óu saída poara p... nenhuma. Se um casal tá mal, não é o divórcio que vai muder ou legalizar isso. O desquite já faz isso. Eu ainda não sei direfto, e o divórcio, diante dessa situação difícil que a gente vive hoje, é uma escapatória. Conquista pra mulher? Pode ser que legalmente mude alguma coisa, fique melhor, mas a vivência, o fato em si, não muda. Não importa o nome que tenha. A coisa em si não muda. Seja divórcio, desquite.

si não muda. Seja divórcio, desquite.

Não muda nada dizer «sou solteira» ou dizer «sou desquitada», porque não é questão de rótulo. Aqui, onde as pessoas te conhecem, sabem que no fundo você não é solteira, e você também. Eu sei que sou mãe de dois filhos e não altera nada. Não é a palavra que importa, e sim você em relação ao problema. Você precisa estar bem diante do problema, aceitá-lo pra você mesma. É saber encarar a situação. Sabe, a mulher tá doida pra se import, pra ser aceita como gente, inteira, com toda a força, todo o carinho, toda a vontade de trabalhar e ser aceita por sua capacidade profissional e não por ter mais sensibilidade pra isso ou aquilo, por ser mulher. Cabe à mulher forjar isso e lutar pra que isso ocorra, pra que nós sejamos respeitadas como seres humanos capazes de fazer qualquer coisa. Nós temos de conquistar nosso lugar e estamos começando a nos impor, a nos valorizar como gente.

«N pra r «V minh mão To brino os o varia outro outra exist men

As nhas tos ( gera ensi que um Cha pare ciaç lojas todo ver. cono mer que crim veze con yeno para Q nos as

dos bicho ofere rém, das ( prefe uma uma lhe r ném É mon recel a ap nina nada entre esse sulta excl

0

# "isto é coisa de menina

«Mãe, compra este caminhão pra mim? «Você está louca, menina! Ca-minhão é brinquedo pro seu ir-

Toda criança gosta de jogar e brincar. Mas as regras dos jogos e os objetos com os quais se brinca variam de um grupo social para outro e de uma sociedade para outra. Apesar disso, entre nós existe uma regra que é comum: meninos e meninas brincam de formas diferentes.

des

geral.

As crianças não aprendem sozinhas as brincadeiras. São os adultos ou as crianças mais velhas que geralmente ensinam os jogos ensinam desde cedo aos pequenos que as meninas devem brincar de um jeito e os meninos de outro. Chamar atenção para isso pode parecer perda de tempo: a diferenciação é óbvia. Está ai em todas as lojas, em todos as revistinhas, em todos os livros, para quem quiser ver. Porém, nós já estamos tão condicionadas a ver meninos e meninas como pessoas diferentes que muitas vezes praticamos a dis-criminação sem perceber. Quantas vezes a gente entra numa loja para comprar um presente e diz para a vendedora: «Eu quero um presente

vendedora: «Eu quero um presente para uma menina».

Quando paramos para pensar nos jogos com os quais brincam as nossas crianças levamos um susto: percebemos a enorme diferença, dependendo do sexo. A maior parte dos brinquedos é concebido para menina o un para meno. cebida para meninos ou para me-minas, sempre ligados aos papeis que se espera que estes venham a desempenhar quando adultos.

desempennar quando adultos.

Os brinquedos são diferenciados desde a mais tenra idade: os
bichos de pano e de borracha são
oferecidos a ambos os sexos. Porém, as bonequinhas são reservadas exicusivamente para as meninas (bonecas sempre sem sexo, de
preferência). Quando alguém dá
uma bonequinha ou um bichinho a
uma menina pequena geralmente
lhe mostra como se segura o neném, como se cuida e se acalenta.
É muito comum a gente encontrar É muito comum a gente encontrar meninas de um ano que assim que recebem nas mãos uma boneca já a apertam no peito e começam e ninar. Essas meninas foram *ensi-*nadas a fazer isso. Os adultos, entre tanto, esquecendo-se de que esse comportamento é apenas re-sultado de suas instruções, sultado de suas instruções, exclamam: «Tão pequenina e já tem instinto materno.!»

Além das bonecas, os outros Além das bonecas, os outros brinquedos geralmente destinados às meninas imitam os utensilios caseiros: cozinha, mobilia, xícaras, panelinhas, cartões e tecidos para bordar. Há também os brinquedos que ensinam a menina a se enfeitar: penteadeiras com batom e espelho, rolas para a cabelo. enteitar: penteadellas com dacho contas para fazer pulseiras e cola-res. De vez em quando aparece um pianinho, que è para a menina ter algum «amor à arte» quando crescer. Para os garotos, os brin-quedos são completamente dife-rentes: carrinhos, papagaio para

Meninas jogando futebol. Meninos brincando de bonecas. Por que não?

empinar, navios, aviões, foguetes, luvas de box, capacetes, armas (aliás, existe um verdadeiro arse-nal militar para os meninos) Entre esses dois grupos de brinquedos não existe lugar para concessões.

Imaginem como se sentiria um pai se seu filho de quatro anos entrasse numa loja de brinquedos e pedisse de presente um apare-lhínho de chá!

### «Lucinha, não jogue futebol, você não pode!»

Os meninos e meninas não diferem apenas na escolha dos brin-quedos. Eles brincam de maneiras diferentes. O menino é mais agres-

diferentes. O menino é mais agressivo, mais ativo usa esforço muscular nos seus jogos.

A menina, não. É mais calma, estável. Gosta de jogos repetitivos, que exigem habilidades sofisticadas (você já viu uma menina pulando corda? um salto com o pé esquerdo, outro com o direito, dois saltos de pés juntos e ao mesmo tempo cruza a corda por cima da cabeça. Uma verdadeira obsessão em ser perfeita!).

\*\*A menina geralmente não briga (quando o faz, é só xingando). Não

(quando o faz, é só xingando). Não trepa em árvore, não brinca de guerra. A menina que é viva, cheia de energia e enfrenta os garotos na luta, sempre experimenta um sen-timento de mal-estar e culpa. Ela timento de mai-estar e cuipa. Ela sabe que ao agir assim estará de-cepcionando as expectativas das outras pessoas. Ninguém ficará contente se ela for combativa, co-rajosa, leal, independente; preferem que ela seja dócil, conformis-ta, medrosa e hipócrita.

### Cuidado com as revistas e livros

Você já leu «Luluzinha» e «Bo-linha»? No clube do Bolinha ME-

NINAS NÃO ENTRAM. O grupo de amigos tem uma atividade muito intensa e as meninas só vão atra-palhar. Os garotos exploram cavernas, constroem barcos, lutam com outros meninos. As amigas de Luoutros meninos. As amigas de Lu-luzinha sorriem, são boas alunas, brincam com bonecas, lavam ca-chorrinhos, fazem bolos. Lulu-zinha até que é brigona. Tenta entrar no clube dos meninos, mas é sempre derrotada. A pobre da Luluzinha não consegue atrair os olhares do menino que ela gosta raposo - porque é feia. O grande amor dos meninos do clube do Bolinha é a Glorinha: linda, penteada, educada, quieta e bem ves-

Esta imagem da mulher não aparece apenas nas histórias em qua-drinhos. Elas são comuns também nos livros: as atividades interes-santes são reservadas aos meni-nos, enquanto as meninas são apresentadas como criaturas deli-ciosamente bobas ou nobres auxiliares. Atendem para estas duas passagens: «Luzia acabou de enro-lar as tranças em espiral sobre as orelhas e sorriu para a sua ima-gem, refletida no espelho. Estava tão contente de sua formosura, de sua graça de mulherzinha em bo-tão, que se mirava e remirava, perdendo a conta do tempo de pen-tear-se». (\*) Essa é a menina. Ve-jamos agora o menino: «Budião-sabia pescar siri com isca de carne, assoviar chamando a moréia.

Nadava como peixe (...); trepava em coqueiro como sagüi; sabia pular o muro do sitio dos padres, todo eriçado de cacos de vidro, só pelo gosto de chupar um caju rou-bado» (\*). A figura dos adultos também é estereotipada. O ho-

aquele que trabalha para sustentar a familia. A mulher é a mãe típica que trabalha na cozinha. Quando ela trabalha fora, as ocupações são subordinadas, de pouco valor sao subordinadas, de pouco valor e consideradas femininas por tradição: datilógrafa, enfermeira, doméstica, professorà. Às vezes, aparece uma cientista. Só que é casada com um cientista, que é ainda mais importante do que ela. Esse bombardeio de discriminação é muito sério, porque os divertimentos a os livers são noderasos.

timentos e os livros são poderosos professores. Através deles as crianças aprendem modelos de crianças aprendem modelos de comportamento e de sentimentos que procuram imitar. As diferentes formas de literatura infantil refor-cam imagens tradicionais, fazendo cam imagens tradicionais, tazendo com que os preconceitos e tabús sejam cada vez mais arraigados entre as crianças. Embora existam meninas que saibam jogar futebol e meninos que apreciam brincar com bonecas, a literatura infantil faz questão de esquecê-los, lembrando-se somente das meninas fráceis e dos meninos corajosos. frágeis e dos meninos coraiosos.

### Bonecas e carrinhos para todos

É claro que toda essa diferenciação não ocorre em vão. Os jogos, a literatura preparam as crianças para funções que deverão desempenhar na familia e na sociedade e encaminham para escolhas mais ou menos coagidas nos strudes es trabalos pavidas futilia. estudos, no trabalho, na vida futura. Trata-se de uma exigência da nossa sociedade, que pretende conservar e transmitir determinados valores, entre os quais o mito de que a mulher é «naturalmente» interior con homem. inferior ao homem. Entretanto, não existem qualidades masculinas e femininas, mas sim qualida-des humanas. É pena que não se permita à menina desenvoler a sua criatividade ou sua força, como também é um grande erro não per-mitir aos meninos desenvolver uma relação de afeto e carinho

Um garoto que pega uma boneca e faz carinho, é violentamente repri-mido. O afeto é visto como um sentimento de «maricas». A nossa luta portanto, não é a de fazer com que as meninas se comporte como os meninos, mas a de criar con-dições que dêem a cada individuo, diçoes que deem a cada individuo, desde o seu nascimento, a possibilidade de se desenvolver do modo que mais lhe convenha. Independentemente do sexo ou grupo social ao qual pertenca.

(\*) Citado por Fúlvia Rosemberg (\*) Citado por Fulvia Hosemberi em «A Discriminação contra a mu-lher e a Educação Informal», de-poimento apresentado em 28/04/ 77, à COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO SOBRE A SITUA-ÇÃO DA MULHER.

EU SOU EU sou DJANGO! O AMELIA J TERRIVEL AQUELA QUE PISTOLEIRO! ERA MULHER DE VERDADE

Esta matéria foi baseada no livro de Elena G. Belotti, O Descondicionamento da Mulher, ED. Vozes, 1975. O objetivo da autora é o de mostrar que a diferença entre homem e mulher não se deve a fatores naturais, e sim a

A vida ficou mais fácil com os eletrodomésticos. É a opinião de quem pode comprá-los. Mas a vida dos trabalhadores que produzem os eletrodomésticos continua muito dificil. E quem quiser saber por que, basta ler o que contam as operárias do setor Eletro-Eletrônico.



# Elas produzem comodidade

A fábrica só pára aos domingos. Nos outros dias da semana, 3 turnos de operá-rios, trabalhando 8 horas diárias, põem rios, trabalhando 8 horas diárias, põem em movimento máquinas produzidas por outros trabalhadores. Assim, montando peças, atarrachando parafusos, ligando fios, mais de 3 mil operários vão produzindo enceradeiras, aspiradores, batedeiras, enfim, os eletro-domésticos. A grande maioria dos operários é constituída por mulheres que dificilmente podem compraros produtos que foram criados pelo seu próprio trabalho. Elas são as operárias do setor eletro-eletrônico.

A fábrica fica num subúrbio de São Paulo. Quando as repórteres de **Nós Mu-lheres** chegam, num dia ensolarado de julho, o relógio marca meio-dia e meia. O primeiro turno de trabalhadores está saindo para o almoço. Homens e mulheres
saem por um longo corredor, cada sexo de
um lado. Um guarda vigia discretamente a
saída. Como a fábrica não tem restaurante, os trabalhadores espalham-se pelos terrenos baldios, ao redor, comendo fruta ou
um sanduíche. As mulheres que saem são,
no geral, jovens, entre 20 e 30 anos.
Sentam-se por perto do portão da fábrica;
algumas isoladas, outras em grupos maiores ou menores. É raro ver uma mulher
conversando com um homem. Vamos che
gando perto dos grupos, propondo uma primeiro turno de trabalhadores está saingando perto dos grupos, propondo uma entrevista, que começou assim:

NM Você gosta de trabalhar?

Osto mais ou menos. Afinal, quem gosta de trabalhar? (Nair é quem responde. Ela tem 16 anos e foi a primeira que se dispôs a dar uma entrevista. Suas colegas vão chegando aos poucos, desconfiadas. A conversa inicial-mente foi difícil. A repórter dirige-se às outras operárias, que aos poucos vão fa-lando e animando-se com a discussão.)

NM -Vocês são casadas ou solteiras? Das 8 operárias que estão em volta da repórter, duas são casadas. As demais são solteiras.

NM - O que vocês fazem aos domingos?

NM - O que vocês fazem aos domingos? Não vou a lugar nenhum. Quase não saio. É muito difícil eu ir a um baile. É o único dia que tenho para dormir. Domingo é o único dia que a gente tem para dormir. (Nisso todas estão de acordo. Olha, sábado a gente trabalha até meio-dia. Todos os dias a gente tem que começar às 5 h 30 e trabalhar até 2h 30. A parada para o almoço é das 12h 30 a lh 30. Eu tenho de acordar às 4 da manhã e só volto para casa lá pelas 4h30 da tarde. Eu estudo à noite, das 7 às 11h30. A única coisa que eu quero quando chego em casa, coisa que eu quero quando chego em casa, desmaiada, é dormir.

por serem trabalhadoras, isto é, por serem mulheres, aqui dentro da fábrica?
Aqui dentro, os homens encaram a gente como se fosse um putero. É como se fosse uma zona. Mesmo sendo moça, eles não dão valor.

E, eles não dão valor (concluem todas quase nume corp)

quase num coro).

NM - Com isso se manifesta, quero dizer, como vocês notam isso?
A gente nota isso pela porta do banheiro. Tem escrito assim: «Se puta fosse flor, a fábrica seria um jardim!»

Os caras escrevem besteiras, fazem pia-das, mandam recados. E só mandam redas, mandam recados. E so mandam re-cado do tipo para transar, nunca é coisa séria. Até quando a gente sai da fábrica é a mesma coisa. Mesmo na rua. Até os rapazes de fora, quando sabem que a gente trabalha aqui já querem tran-sar. Ninguém respeita as mulheres daqui. Se trabalha aqui, não presta.

NM - Mas por que isso, tem alguma

Eu acho que é por causa de algumas mulheres. É, não são todas, mas eles acham que é tudo igual. Até as menores eles tratam assim. Está errado. (Há mui-tas menores trabalhando na fábrica.)

NM - Agora, eles chegam a dar algum tratamento ou fazem alguma coisa que ofenda vocês?

Comigo nunca teve nada, pois eu não dou confiança. Eu não falo com nenhum homem. O meu namorado trabalha aqui. Pois nem com ele eu converso, enquanto estou na fábrica.

NM - E com outras mulheres, já teve algum problema?

Que eu saiba não. Fica mais na coisa de mexerem com a gente, de fazerem piadas.

NM - Eles (a fábrica) costuma dispensar as mulheres grávidas? Antes eles faziam isso. Agora não. Mes-mo quando a mulhr prefere ser mandada embora, eles não despedem. A gente é que tem que pedir a conta e assim perde os direitos.

NM - Agui tem creche? Creche? Nem refeitório, quanto mais creche!

NM - Vocês sabiam que existe uma lei que diz que as fábricas com mais de 30 mulheres de acima de 16 anos de idade são obrigadas a ter creche? Sabia, mas aqui não tem. E aqui tem mais de mil mulheres casa-das com filhos.

Tem mais mulher do que homem.

NM - E nunca ninguém falou aqui na hipótese de construir uma creche?

Que nada! Aqui eles só pensam em chegar no fim do mês e pagar a metade do pagamento da gente, roubando.

(Uma opérária aproxima-se do grupo, a epórter explica-lhe do que falam e per-

aunta o que ela acha da fábrica.)
Aqui alguém já falou dos chefes? Hoje,
meu chete, quando apitou o fim da hora
do café, eu estava ainda mastigando e ele
veio bronquear. Al eu falei: «É só porque
você quer! Só porque apitou, você pensa
que eu von jogar o alimento fora?» Ai, ele
falou: «Eu, em 10 minutos arrumei o
martelo, tomei o café». Eu falei: «Isso é
você, mas só porque você corre assim não
precisa pensar que todo o mundo é igual».

NM. Transidado de la caracteria de la car

NM - Tem algum problema com os chefes de seção? Eles tentam alguma coisa com vocês?

Os chefes, não! Quer dizer, só com as mulheres à toa. Aí é diferente. Aí eles fazem tudo com elas. Eles respeitam a

NM - Quer dizer que eles tratam vocês

Eles respeitam nesse ponto. Agora, tratar bem. eles não tratam. Pelo menos o
meu chefe não é nada legal. Mandama
gente calar a boca. Xingam.
É, a gente nem pode falar. Tem de ficar
o dia inteiro sem falar.
É, e sem comer (em coro). Só deza
minutos para o café.
Eles brigam com a gente por qualquer

Eles brigam com a gente por qualquer

coisinha. Põem castigo. O dia sala. (Cada oper

NM - E além

do que já desco (risos)

NM - Só um É, de manhã atraso, mas na minuto de atra pelo domingo.

é pago toda quin minuto, na hora







a da fábrica.)

alou dos chefes? Hoje,
apitou o fim da hora o aptiou o fim da hora ainda mastigando e ele eu falei: «É só porque que aptiou, você pensa alimento fora?» Aí, ele 0 minutos arrumei o afé». Eu falei: «Isso é e você corre assim não todo o mundo é jeual». odo o mundo é igual»

m problema com os

Quer dizer, só com as Aí é diferente. Aí eles elas. Eles respeitam a

esse ponto. Agora, tra-tratam. Pelo menos o ada legal. Mandam a Xingam.
ode falar. Tem de ficar

coisinha. Põem as meninas da seção de castigo. O dia inteiro trancadas numa sala. (Cada operária vai adicionando uma frase.)

NM - E além desse castigo, eles descontam o salário? Não, o salário eles não descontam. Mas também se eles descontarem mais do que já descontam, o que vai sobrar?!

Se chegar um minuto atrasado já des-contam: Perde o domingo, o feriado.

NM - Só um minuto?

É, de manhã eles deixam 6 minutos de atraso, mas na hora do almoço basta um minuto de atraso para você não ganhar relo de minutos de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não ganhar relo de minutos de atraso para você não que de atraso para

## NM - Como é?

É isso mesmo. Se na quinzena (a gente é pago toda quinzena) a pessoa atrasa um minuto, na hora do almoço, perde um domingo.

A gente já ganha uma mixaria, ainda

A gente já ganha uma mixaria, ainda de falar. Tem de ficar perdendo o domingol...

(em coro). Só dea perde o domingo.

NM - Aqui tem trabalho noturno para mulher?

Não, só para homens.

## NM - E vocês acham que deveria set permitido o trabalho noturno também paas mulheres?

Deus me livre!

Deus me livre!
Clarc que sim.
Eu também acho que sim.
Tá loucal Imagine se eu vou deixar meumaridinho sozinho e vir trabalhar à noite!
A gente já dorme tão pouco.
Trabalhar à noite com esses homens
Tánul? Deus me livre!

NM - E vocês acham que deve haver trabalho noturno para o homem?
É, para o s homens. Para as mulhres não.
Não deveria nem ter isso de entrar às 5h 30. Deveria ser às 7h00.
Ah! Eu não. Prefiro das 5h30 da ma-

daqui? Deus me livre.
Não culpe só os homens. Também tem
mulher que dá bola...
É, tem muita mulher que é assannada.

## NM - Por que você gostaria de trabalhar

à noite? Porque é legal. Eu queria trabalhar à

noite. É, ganhando o dobro eu também que-

A noite todo mundo ganha mais (João,

um jovem operário que se juntou ao grupo as mulheres! é quem dá a informação.) Você imag

## NM - Mas vocês não acham que o salário diurno é que deveria ser aumenta

E, a gente ganha uma mixaria.
Claro que devia aumentar.
Já aumentou. A gente tava ganhando...
quanto mesmo?
Cr\$ 6,24 (a hora). Agora veio para
Cr\$7,18. Mas a gente ganha menos!

Sempre a gente ganha menos, menina! Eles roubam cada vez mais. Não sei o que eles fazem, só sei que a ente ganha menos. Pois é, antes eu ganhava 600 cruzeiros,

agora continuo ganhando 600 cruzeiros. Esta quinzena todo o mundo recebeu as-

Eu recebi 628 cruzeiros.

Eu ganhei ainda 795 por causa do salário das minhas duas filhas.

NM - So os homens?

As mulheres também têm de ganhar bem.

NM - Como? É, o salário-família, das minhas duas

(Todos continuam falando e discutindo

em quanto foram roubados.)

É, até hora extra eu fiz e não recebi.
É por isso que eu não faço hora extra.
Eu faço hora extra. Mas eu marco elas

direitinho. È semre um dinheirinho a mais. Se você faz 20 horas extras dá um dinheiro que eu preciso. Estou até sentin-do falta de hora extra. Agora não tem

# NM - E vocês acham que deve haver trabalho noturno para o homem? É, para os homens. Para as mulhres

Não deveria nem ter isso de entrar as 5n 30. Deveria ser às 7h00. Ah! Eu não. Prefiro das 5h30 da ma-hãa. Não gosto de ficar presa. Imagine ficar o dia inteiro ai. A gente sai de casa de noite e volta de noite.

## noite e volta de noite. MN - Mas para os homens, vocês acham que està certo trabalhar à noite?

Para os solteiros sim. para os casados não dá certo. De dia os homens não têm sossego, as crianças fazem barulho, vizinho; eles não dormem direito. À noite foj feita mesmo para descansar, não tem jeito, (rises).

to. (risos)
Os homens ganham tanto aqui quanto

Você imagina! É, já começa por aí.

# NM - Vocês ganham a mesma coisa? A mesma mixaria. Tanto faz, não tem separação, ser casa-

do ou solteiro.

Tem homem aqui com 7 filhos ganhando essa mixaria, a mesma quantidade das mulheres. E paga um milhão de aluguel.

O que sobra para eles?

Que um milhão, meninal Já não tem mais aluguel de um milhão. Agora é só um quarto por um milhão.

# NM - Vocês acham que os homens deveriam ganhar mais? É, eu acho. Os pais de família, já pensou?

NM - Vocês acham que o salário dos homens deve ser igual ao das mulheres? Eu acho que quando as mulheres fazem o mesmo serviço, né? E aqui a gente faz o mesmo serviço. Aí ver. não tem separação.

NM - Aqui o salário é igual, não é? É. E por que menor, que faz o mes

trabalho, ganha muito menos?
Eu trabalho na linha e ganho muito menos (diz Nair).
É. Ela trabalha com a gente. Trabalha a mesma coisa. Mas como é de menor eles pagam muito menos. Isso aí é que é errado lambém

Errado também está eles exigirem pro-

Errado também está eles exigirem produção e não pagarem por produção.

Quem trabalha no autorama fica o dia inteiro sem sair do lugar. Aí tem que dai produção, opois o autorama não pára. (Ou seja, elas ganham por hora, mas os chefes fixam cotas de trabalho. O autorama, que é uma esteira rotativa, é sempre posto a funcionar um pouco mais depressa. Nesse caso, elas são obrigadas a trabalhar num ritmo mais rápido, produzem mais mas, apesar disso, ganham os mesmo 7,18 cruzeiros).

Eles nunca estão contentes. Hoje pedem um tanto, você dá. Amanhã eles já querem

e ai ficam xingando, gritando com

voce.

E aquele chefe, o Pedroso, se lembra?

É, ele não deixava a gente ir ao banheiro. Dizia que ele ficava o tempo todo sem
sair e a gente tinha que ser que nem ele.
Vai ver que ele andava com um piniquirbol.

Tem de ir só uma vez ao banheiro. E a gente fica o dia inteiro trancada aí.

# E eles controlam o tempo'

NM - Controlam o tempo? É, se você demora, eles vão bater na porta do banheiro. E quando a gente está doente? Toma remédio sentado no autorama. Pode estar morrendo.

A gente fica com o corpo moido, mor-rendo de dor de cabeça. Mas eles não deixam a gente sair. A gente está ruim mesmo. Só dão um comprimido. Você já pensou? Ficar sentada desde a hora que

chega até ir embora? Vocês estão esquecendo o problema do

café; É, o café!! (coro) É tomar e morrer. Aquilo não é café! É uma água suja que não tem nem pô. E dizem que põem leite! Que leite, que nada! É água de lava-

gem.
Eu não agüento tomar. E a gente não pode trazer garrafa térmica. Antes podia, agora não.

NM - E eles dão comida? Que nada! Nem restaurante tem. Só para eles. para eles tem comida boa. E que

cafél...
Precisa sentir o cheiro. É feito de pò de verdade. Que coisa boa!
Mas é só para eles. Prá gente, que camela o dia inteiro, nada!
Eles deviam é colocar um restaurante.

### NM - E você não fala nada? Que nada! Quem falar's

Que nada! Quem falar? E o dia do pagamento? É o maior inferno. A gente fica na fila das 2h30 às 4 horas. Chuva ou sol. Isso dúas vezes por

Mulher grávida. Tudo. Tem que ficar na fila.

Aqui está cheio de problemas. É só problemas.

roblemas.

E o vestiário? Mais de mil mulheres, do apertado. Não tem lugar.

Mil? Tem muito mais. Põe gente aí.

E o banheiro?

NM - O que tem o banheiro? É uma imundice só. É um horror. É cheio de xingamento escrito. É, tem tanto problema. Se fosse resol-

NM - E o que vocês fazem? Não se faz nada. Fica comentando uma com a outra. Só reparando...

# OTEATRO ANDA NAS RUAS

Um pequeno grupo de pessoas de um bairro paulista resolveu fazer teatro no meio da rua. O resultado foi impressionante: a alegria contagiou todos os moradores da comunidade e a participação, hoje, é de todos.

Jardim Brasil - um bairro em Sao Paulo que até seis meses atrás contava só com o Silvio Santos pra se distrair aos domingos. Ninguém nas ruas. E se se prestasse atenção ao som que vinha das casas, ouvia-se... «Seu Silvio Santos, fique mais um pouquinho, você é admirável, você é admirável, o auditório é formidável...»

Até que um grupo de jovens, de quinze a vinte e três anos resolveuformar um grupo de teatro: o Sarabanda.

Uniram-se e mandaram um pedido para a Prefeitura, para que fosse interditada uma das ruas do bairro, aos domingos. O pedido foi aprovado e nasceu mais uma rua de lazer. O pessoal do Sarabanda pensou: «Agora temos uma rua só pra gente, pra pessoas do bairro. Então vamos montar uma peça e ensaiá-la todos os domingos à tarde, com a participação de quem estiver por là, crianças e adultos.» No inicio não foi fácil. O pessoal do bairro ria, cochilava, afinal de

No inicio não foi fácil. O pessoal do bairro ria, cochilava, afinal de contas, só estavam acostumados a ser espectadores, sentados em frente à televisão. Mas com o tempo, todos começaram a se interessar, a participar. Tanto assim que hoje existem 6 grupos na zona Norte, fazendo não só teatro, como também música e dança.

«Aceitamos qualquer convite, mesmo que o local não tenha condições para apresentação, e em agosto vamos inaugurar uma rua de lazer na Vila Maria» diz um dos entusiasmados participantes.

A primeira peça escolhida pelo grupo foi «Da Lapinha ao Pastorli», que faz parte do folclore nordestino, adaptada por Luiz Mendonça e apresentada em duas partes: sacra e profana; os atores dividem-se em dois cordões: cordão encarnado e cordão azul, e é a maior torcida do público que está assistindo, isto é, todos acabam participando. «No Nordeste - diz um dos membros do grupo - uma peça de teatro normalmente é dedicada a um coronel, ao invés de ser dedicada ao trabalhador rural. Nós preferiamos nos dirigir às pessoas que estão na rua, assistindo a peça. Às vezes sãi até o hino do Corinthians.»

Nos ensaios nada é fixo, e de um fim de semana para o outro as falas dos atores variam muito, porque cada um vai criando o seu personagem e improvisando. Tudo è criado pelo próprio pes-

Tudo é criado pelo próprio pessoal. Todos os membros do grupo trabalham durante o dia, uns em bancos, outros em escritórios, e a maioria estuda à noite. Mas a experiência está sendo tão boa, que eles aproveitam todas as horas de folga para fazer as fantasias e o cenário.

e o cenário.

O pessoal do grupo já ouviu, de gente que passava pela rua na hora do ensaio, o seguinte comentário: «É gente da TV Globol» ou então «Aqueles ali trabalha na televisãol», porque as pessoas só estão acostumadas a isso. Sarabanda tem também um jornalzinho semanal, que além de divulgar as atividades da rua de lazer preocupa-se com os problemas que atingem mais diretamente a comunidade.

O pessoal do grupo encontrou tanta curiosidade e interesse por parte das crianças, que propõe que elas montem uma peça de improviso, lançando apenas a idéia.

«Domingo passado sugerimos que encenassem o «Chapeuzinho Vermelho». Havia 70 crianças; 26 queriam ser o Chapeuzinho; 15 o Lobo Mau, 6 Caçadores, 3 mães, 5 vovozinhas e os outros quiseram ser ávores borboletas

vovozinhas e os outros quiseram ser árvores, borboletas...» Uma mãe, depois de ver sua filha no meio dos atores, brincando de pastora, pegou um bumbo e saiu tocando...«Este era o instrumento que eu tocava na bandinha

«As vezes um pai da familia descobre que, debaixo da cama ou em cima do guarda-roupa, estava escondido, empoeirado, um instrumento de percussão. Aí ele sai de casa pra fazer parte do bloco, ativo, descobrindo a rua em que moram as pessoas. Esta é a nossa preocupação, fazer com que as pessoas percebam que teatro é todo mundo brincando junto, mostrar que todos nós somos atores, é só participar. O medo e a vergonha não nascem com a dente. nos acostumamos a eles.» «É preciso sair de casa e juntar-se às outras pessoas» - como diz o personagem velho Valdemar - «Querem calar a festa, é verdade. Eu pergunto: quantos espetáculos estarão acontecendo neste momento? Nós somos poucos... somos um povo triste, e portanto, mais do que nunca é precisos segurar a peteca! Não deixá-la cair... É preciso que você, sim, você, o outro ali, o senhor, possam realizar o espetáculo. Porque, meus senhores, não requer prática nem tampouco habilidades. Qualquer criança brinca, qualquer criança faz o que eu faço, e esta é uma noite de muita alegria, e esta é o Grande Pastoril do Valdemar.»

# MIREM-SE NO EXEMPLO



Augusto Boal é um dos homens mais importantes do teatro brasileiro. Fora do País desde 1970, mora hoje em Lisboa, onde exerce sua profissão, ajudando a enriquecer o teatro português.

No dia do encerramento do encontro da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência, realizado este ano na PUC (Universidade

Católica), uma de suas últimas peças, «Mulheres de Atenas», foi lida para um público de mais de três mil pessoas. Várias atrizes e atores famosos (Bibi Ferreira, Ruth Escobar, Armando Bogus etc.) estavam no palco para contar uma história sobre «mulheres, escrita por um homem e que expressa conseqüentemente um ponto de vista «masculino», mas de nenhuma maneira machista».

«Mulheres de Atenas», apesar do nome, conta uma história muito atual: o caminho e a luta de libertação da mulher.

Atenas está em guerra contra Esparta, uma outra cidade grega, e as mulheres sentem a ausência de seus homens. Resolvem então acabar com a guerra. Como? Liza, a mulher de um general famoso propõe a outras mulheres uma greve de sexo!

Assim começa a peça:

«Silêncio, muita atenção! Vamos contar uma história delicada, complicada. Silêncio, muita atenção! -A guerra é o nosso tema! Contra quem? Não sabemos quem pode ser o inimigo, nem quais os aliados neste combate antigo. Os inimigos dormem nã mesma

o escravo come na mesa do senhor Como saber quem é quem? Quem mata? Quem morre? Quem é o mais covarde e quem Esta peça é
dedicada a todos os
movimentos de
libertação fem i nina
e a todas as feministas
que tanto me
ajudaram a escrevê-la,
com seus livros,
suas pesquisas, seus
exemplos e suas vidas''.
Augusto Boal.

tem mais valor?
As armas destes soldados são armas que não se vêm. Eles se beijam na boca, se amam, se querem bem. Fazem carinho na cama; têm filhos, como convem. Muitos morrem neste drama, muitos se ferem também. Mas não sé dispara um tiro, nem uma espada se saoa; com um sorriso de fere, com um suspiro se mata.

Depois de muitas peripécias, as mulheres conseguem, juntamente com as espartanas, que a guerra termine e seus homens voltem aos lares. Entretanto, desde que a vida volta à normalidade, percebem que na realidade quase nada mudou.

Os homens continuam a maridar na vida política e social e elas não têm nenhum direito. Resolvem de novo se unir e se fantasiam de homem, para votarem leis que lhes dêm maiores direitos.

Uma longa discussão se passa entre mulheres fantasiadas de homens e homens fantasiados de mulheres. Liza propõe a igualdade entre homens e mulheres e de repente se dá conta, de que para isso, é preciso também acabar com a escravidão. Nessas alturas não são mais homens e mulheres que brigam, mas senhores e escravos que se afrontam.

«Agora sim, está muito claro quem está brigando e de que lado está. É a guerra.»

A peça termina assim: «Aqui termina, senhores, uma história que começa.

Lá fora começa a luta, aqui termina esta peça.

Nós todos aqui cantamos, com muita sinceridade; tratem já de descobrir onde estará a verdade».

# mais uma vez:

# CRECHE!



O problema de sempre. Muitas criancas para poucas creches, ou melhor, pouquissimas creches para milhares de necessitados. Afinal, de quem são os direitos e deveres nessa história toda?

egar criança no colo deixa mal-acostumada. Criança deve ser criada no berço. Apesar de tais idéias, tão comuns em nossa cultura repressiva, sabe-se que o prazer do contato entre mãe e filho é direito dos dois. Principalmente no primeiro ano vida, o beijo, o abraço, o seio, o contato com os olhos e o sorriso devem compor o universo da criança que acabou de chegar a quer ser aceita. Junto aos cuidados de higiene e alimentação, ela tem o direito e necessidade de ser carinhosamente introduzida no dificil aprendizado da vida nesta sociedade.

dizado da vida nesta sociedade.

mas, isso é pedir muito para uma criança
nascida no Brasil de hoje. «Com a barriga na
miséria nasci brasileiro» diz a música de Chico
Buarque; só que a censura obrigou a substituir
brasileiro por batuqueiro. Hoje as mães têm que
«arrancar a vida com a mão». Precisam sair para
trabalhar fora de casa e, ainda que esse trabalho seja mal remunerado, cansativo e repetitivo, ele é parte importante do longo caminho de liberta ção das mulheres e do ser humano.

De volta à casa, ela ainda tem tudo por fazer: lavar, limpar, comprar comida para poder cozi-nhar. Pois o homem, conforme indicou estudo recente da Fundação Carlos Chagas, é seu companheiro esporádico e ausente. Entre os mais pobres, as famílias são centralizadas na mãe, que é quem cuida, mantém e educa as crianças. Atualmente, em nosso país nascimento e educação das crianças não assumido como aquilo que na realidade é: a maior riqueza do País. (Como a terra, a criança bem cultivada contribuirá certamente para a formação de um país saudável, forte e inteligen-

## A creche é desesperadamente necessária para a mulher que trabalha

Há muitas mães deixando os filhos trancados Ha muitas maes deixando os filhos trancados no quarto, ao sair para buscar seu pão. Ou então, pagando metade de seu salário para outra mulher tomar conta dos seus filhos, enquanto vai trabalhar na fábrica, no hospital, ou, freqüentemente, na casa de uma terceira mulher, onde olha suas crianças e faz a limpeza.

Raras são as mulheres que conseguem matricular seus filhos numa creche onde paguem

pouco ou nada, tenham condução mais ou menos fácil e fiquem tranquilas ao saber que os filhos estão sendo bem cuidados. (Estão cres-cendo as creche particulares em cidade grande como São Paulo. Mas são creches específicas para mulheres da classe média para cima: deixa para infilinte de da criança em del a para cinia. Cerkar a criança em periodo integral custa por volta de Cr\$ 1.500,00 mensais.) As creches disponíveis à mulher trabalhadora são poucas. Para falar somente na cidade do Rio de Janeiro, não conseguem atender mais do 1,3% da população necessitada. Considerando-se que cada uma das 510 mil trabalhadoras lá existentes tenha apenas um filho em idade pré-escolar - de um mês a seis anos - o número de vagas torna-se ridículo: 6 800 vagas nas 90 creches espalhadas pela cidade. Em São Paulo o problema não é menos grave.

«Sabemos que a criança entre zero e três anos necessita de uma assistência tôda especial e a mãe que trabalha não pode fornecê-la ao seu filho. Por isso procuramos dar todo o carinho que a criança necessita na ausência» (Palavras de Felipe Soares Baptista, advogado, titular da Coordenadoria de Bem-Estar Social, órgão da Prefeitura responsável pelas creches - entre outras coisas - em São Paulo).

outras coisas - em Sao Paulo).

A realidade, porém, é outra. Há apenas quatro creches gratuitas nesta cidade de quase dez milhões de habitantes. São as chamadas creches diretas, que têm tudo fornecido pela prefeitura: prédio, funcionários, material didático, equipamento. Essas creches prevêem, por exemplo, um espaço de dez metros quadrados para cada criança, além de local para piniqui-nhos e lugar para as crianças tomarem sol e serem amamentadas. Nas creches diretas é possível esse tipo de atendimento, não apenas em termos de espaço e alimentação, mas tam-bém no atendimento pedagógico: a prefeitura é um patrão mais rico e paga melhor seus funcio-

arios, que são mais especializados. Mas isso não faz parte da realidade de todas as outras creches indiretas ou de convênio. Elas recebem verbas e assistência da prefeitura, al-gumas vezes o prédio também. Mas aqui a

### «Aqui tem muita disenteira e vermes, a gente é muito necessitada

A comunidade de Burgo Paulista, subúrbio da zona Leste, se reuniu na paróquia do bairro e com trabalho comunitário deu início a uma com trabalho comunitario deu inicio a uma creche que está agora comemorando dois anos. Falar sobre ela «é um desabafo» para as mulheres que trabalham lá, pois a dificuldades são muitas. São 65 crianças distribuídas em três salas, uma delas com sacas de cimento e uma enorme tela armazenadas. O desabafo continua: «Temos convénio para apenas 50 crianças. Mas de outre 15. A venta á paga paga paga 2003. witerios convenito para apenias 30 chariças. Mas há outras 15. A verba é paga para apenas 70% das 50 crianças - a partir de agosto aumenta e vamos receber 437 cruzeiros para cada uma delas. Mas isso só até a criança completar seis anos. Com seis anos e um dia eles já não pagam mais. O que vão fazer essas crianças até os sete, idade de entrar na escola?»

«Elas chegam magrinhas, debilitadas. No começo são tão fracas que nem reagem. Quando começam a bater, virar malandra, a gente sabe que já estão

O grande problema do pessoal da crecne e a segunda-feira. As crianças não recebem ou re-cusam a alimentação da casa. Voltam do fim de semana fracas, com disenteria: «Tem segunda feira que não tem privada e piniquinho que dê

O médico? O médico é um só, e fica no prédio da Coordenadoria do Bem-Estar Social, à rua Pedro de Toledo, Vila Mariana, para atender aos

chamados de todas as creches ligadas à Prefeitura. Claro que isso é uma ilusão. Em caso de necessidade elas recorrem ao Pronto Socorro do bairro. Disenteria, resfriado e febre são tratados na creche mesmo

As mulheres que trabalham ali ganham todas o salário. Nas férias, aparece uma voluntária, estudante. Elas olham as crianças, trocam, dão comida, pegam no colo, pela mão, cuidam da limpeza, da cozinha e da parte administrativa.

Apesar de tudo, são sorridentes e solidárias. A visita da assitente social (parte da «assis-tência técnica» fornecida pela Prefeitura) é mui-to apreciada. Mas ela é irregular, conforme os

«Nenhuma taxa é cobrada nas creches diretas. As crianças de zero a três anos têm direito a creche sem que seus pais paguem nada por isso. (O Coordenador)

A Prefeitura tem um calhamaço de quase 50 páginas onde define a «Organização e Funcio-namento da Creche». Ali há, com pormenores, todos os cuidados que as crianças de zero a três anos devem receber. (Todas as crianças da cidade, do Pais, deveriam receber cuidado enquanto seus pais vão colaborar com o cresci mento econômico da nação.)

Ma qual o quê. «Não haverá mais creches diretas», diz o coordenador, «fora as que serão construídas até o fim do ano, em Guianazes e São Miguel Paulista.» Em sua sala, com ar condicionado e carpete, ele se refere à falta de verbas da Coordenadoria para levar adiante o programa de creches diretas. O novo plano é o das mini-creches, com capacidade para mais ou menos 50 crianças.

Esse plano, quando surgiu; era para começar com a construção de 20 mini-creches. Depois diminuiu para dez e, agora, para quatro. Ou seja, sobrarão, presas nos quartos ou largadas pela rua, um número enorme de crianças futuros cidadãos brasileiros.

### O que é necessário para se consequir uma creche?

O plano das mini-creches é de fazer apenas convênio. Uma organização de bairro (clube de mães, associação de donas de casa etc.) ou entidade religiosa dá início ao serviço e o poder público entra com assistência técnica e para 70% das crianças. O que é preciso para se conseguir isso?

A entidade precisa provar que tem condições de fazer funcionar uma creche, basicamente o orédio. Depois deve entrar na fila dos convênios, a promessa, por parte do coordenador, de que seria construida uma creche dentro em oreve naquela zona. Elas conseguiram isso indo com freqüência à Coordenadoria, em número com frequencia a Coordenadoria, em numero nunca inferior a trinta. Quando o coordenador não estava, ou mandava dizer que não podia atende-las, elas diziam: «Não faz mal, não te-nos pressa. Ficamos aqui até ele poder nos atender, ou então até ele chegar». Com isso elas onseguiam ser atendidas. Essas o hamadas CRECHES DE PRESSÃO

É fora de dúvida que o poder público, no aso, a Prefeitura, é quem deve assumir inteiranente a educação dos futuros cidadãos do Pais Mas é também certo que não se pode ficar à espera de uma solução, que sozinha não vem. Agitar a questão nas associações do bairro, evar a reivindicação à Administração Regional para onde a prefeitura descentralizou seu poder administrativo) é talvez etapa necessária nesse ongo caminho de luta pelo atendimento das necessidades básicas, e apenas básicas, de jossa vida enquanto mulheres trabalhadoras.

# PILULAS PARA MILHÕES

200 milhões (falando da população dos EUA) num mundo de 3 bilhões. Eles - mas nó vamos dar o que eles querem.» (Lin Johnson, ex-presidente dos EUA.)

Desde 1965, embora não houvesse dade Brasileira de Bem-Estar Familiar (Bemfan) vem desenvolvendo uma polí-tica de controle de natalidade, limitando-se, na prática, a distribuir, nenhuma orientação, milhões de pílu las anticoncepcionais. Em 1971, o Go verno Medici a reconhece, apesar das graves denúncias, como entidade de utilidade pública. Desde então, a Bemfam, sustentada por fundações interna-cionais, sobretudo norte-americanas, passou a receber também a ajuda dos

Hoje, a Bemfam possui 75 clínicas espalhadas pelo País e mantém convênios com Secretarias de Saúde e pro gramas próprios em 12 Estados. Segun o porta-voz oficial da entidade. Márcio Ruiz Schiavo, atende anualmente cerca de 300 mil mulheres.

O que leya os países ricos a financiarem tão «generosamente» uma política de controle da natalidade ? Por que estes países se interessam em que as famílias no Brasil (não só agui, mas também em outros países subdesenvolvidos) tenham poucos filhos ? Esse interesse pode ser motivado, em pri meiro lugar, pelos seguidores de Malthus (economista inglês que viveu há 200 anos), que acham que o cres-cimento da população deve ser controlado, pois não há condições de alimen-

tos defendem ainda hoje, não tem fundamento, pois se a população cresce, a possibilidades de alimentar um núme ro maior de pessoas também cresce

Além disso, o controle da natalidade não diminui a taxa da natalidade, não melhora o nível das populações pobres nem acaba com as tensões soci alegam os seguidores de Malthus Na Índia, por exemplo, o governo obrigou os homens com mais de dois filhos gou os homens com mais de dois filhos a fazer uma pequena operação (a vasectomia) que os torna estéreis (incapazes de ter filhos) para o resto da vida. Mesmo assim, as condições de vida não melhoraram. Em segundo lugar, os países poderosos visam o lucro que o comércio de pílulas anticoncepcionais traz. Segundo Ricardo Tavares, demógrafo do Instituto de Medicina da Universidade do Rio, o Brasil representa um bom mercado: etem 100 milhões de habitantes, dos quais 50 milhões são mulheres e, entre elas, 25 milhões em idade fértil. Um programa com base na idade fértil. Um programa com base na pílula anticoncepcional, que é fabricapilula anticoncepcional, que de la de de de la deservación de por indústrias estrangeiras, representaria um faturamento bruto de la decembra del decembra de la decembra del decembra de la decembra del decembra de la decembra de la decembra de la decembra del decembra de la decembra del decembra de la decembra de la decembra de la dece sentaria um faturamento bruto d Cr\$ 250 milhões a Cr\$ 300 milhões. Ou seja, o salário mínimo somado de 300 mil pessoas, uma população equivalente à de uma cidade do porte de

### DENÚNCIAS E MAIS DENÚNCIAS

A Bemfam tem sido alvo de constan-tes denúncias. Em 1968 uma Comissão Parlamentar de Inquérito investigou deníncias segundo as quais a Bem-fam teria esterilizado três mil mulheres na região da estrada Belém-Brasília e estaria distribuindo anticoncepcionais

estaria distribuindo anticoncepcionais em massa, Mas, como acontece com toda CPI, nada ficou provado. Mas ficou confirmado que a «Bem-fam não faz o que diz, como mostra» Opinião (nº 46, outubro/73);»... se-Opinião (nº 46, outubro/73):»... se gundo Walter Rodrigues, diretor exe cutivo da Bemfan, as clínicas esclare-ceriam os pacientes sobre a responsabi-lidade que têm para com os filhos nascidos ou por nascer, combater o aborto, oferecer tratamento para casais estéreis, exames de prevenção do cân-

fam se resume em distribuir maciça mente pílulas anticoncepcionais, mu tas vezes condenadas, conforme de núncia feita pelo «Jornal do Brasil» (1/6/77): «A Bemfam está distribuindo

anticoncepcionais da marca Anacyclin, proibido nos Estados Unidos (...). A secretária da Bemfam (...) confirmou que há três anos a Bemfam desta capi al (Curitiba) não oferece os serviços assistência social ou orientação, pois

simplesmente não temos

Sabe-se também, através de técnicos do Ministério da Saúde, que em 1972 a Bemfam colocou indiscriminadamente DIUs em mulheres nordestinas sem o conhecimento delas. Fato que a incrimina duplamente, uma vez que ainda não foi provado se o DIU é ou não um método aborcivo

A distribuição das pílulas, por outro lado, é feita sem nenhuma explicação. Junto com os anticoncepcionais, as mu-lheres recebem um folhero que não traz uma única palavra sobre os perigos das pílulas. Em lugar disso, apenas reco-mendações que não merecem confianpor exemplo, deve-se suspender ime-dia amente o uso da pílula, pois há grande probabilidade da mulher estar grávida. Existem fatos comprovados de nascimentos de crianças defeituosas pelo fato das mães terem tomado hormônios de estrogênio e progesterona (hormônios artificiais que existem na pilula) durante a gravidez. No entanto, o folheto recomenda criminosamente: As vezes, pode acontecer da regra não descer. Neste caso, depois de terminar de tomar a pílula, deve-se recomeçar uma nova caixa, mesmo sem a regra ter

mentos anormais devem ser pesquisados, pois podem inclusive indicar inicio de um tumor. Mas a Bemfa ignora isso e diz: «Se perder um pouco de sangue, enquanto estiver tomando as pílulas, não pare. Continue a tomálas até terminar a caixa»

A Bemfam não toma também conhe cimento das instruções contidas na bula que acompanha os anticoncepcio nais. A bula recomenda que «antes de se iniciar o tratamento, é aconselhável um exame ginecológico completo, inclusive das mamas». Diz ainda que o produto é contra-indicado às pessoas com lesão hepática (de figado) grave, antecedentes de icterícia durante a gravidez anterior e processos trom-boembólicos. Apesar disso, nenhum exame é feito antes, para verificar se a mulher pode ou não tomar a pilula. Nos postos da Bemfam, segundo de-núncias, o exame só é feito depois de

# RUMO AOPLANEJAMENTO FAMILIAR

Controle da natalidade ou planejamento familiar ? Embora as discussões sobre o assunto continuem, o Governo Federal aprovou no dia 27 de julho rederal aprovou no dia 2/ de julio diltimo, através do Conselho de Desenvolvimento Social, o Programa Materno-infantil, do qual faz parte o Programa de Prevenção de Gravidez de alto risco, que prevê a distribuição gratuita de anticoncepcionais. Para o ministro da Saúde, Mário de Almeida Machado, este programa «nada tem a ver com o controle da natalidade, mas objetiva salvar as mães doentes sem condições de ter filhos».

a sidentificação da mulher grávida com risco (médio ou alto) e seu encaminha-mento para a assistência pré-natal constitui a primeira etapa do planeja-mento familiar (...). A seguir, terão início os programas de educação e motivação para o planejamento familiar, que serão intensificados gradualmente medida em que se aproxima o mode se iniciar a anticoncepção

O Ministério da Saúde, segundo seu ministro, «não pretende distribuir irrosavelmente pílulas anticoncepcio-As pílulas serão distribuídas para comprovadamente doentes e que, se tiverem filhos nessas condiou a ter filhos sem condições de vida normal, em termos de saúde. O plane forçosamente implicará o reestudo da posição da Bemfam»

Segundo o secretário estadual da Saúde de São Paulo, Walter Leser, o programa que visa atender principal-mente às famílias de baixa renda, prevê quatro ítens: 1) assistência médica sanitária à mãe, desde a gestação até parto, e também ao recém-nascido criança; 2) educação da mãe no período pré-natal; 3) vacinação da gestante (especialmente contra o tétano) e da criança; 4) nutrição da gestante, da nutriz e da criança. Só depois de cumpridas essas quatro etapas, viría o pla-nejamento familiar, que teria como ba-se o princípio adotado pelo Brasil na Conferência sobre População, realiza-da em 1972, em Bucareste, Hungria: Todo casal tem o direito de escolher o número de filhos que deseja ter e de receber informações e meios científicamente corretos para evitar uma gravi-

ainda, aspectos como idade da mulher inferior a 20 anos e superior a 35 - ter tido cinco ou mais filhos, renda famiescolaridade, que podem colocar em risco a gravidez. Grande parte das mu-lheres brasileiras se enquadram nestes itens. Desta forma, a gravidez de mui-tas seria considerada de alto risco, o que levaria a incentivar o uso dos anticoncepcionais. Os dois planos - federal e estadual - apresentam um risco: induz as mulheres a usarem pílulas anticoncepcionais, sem oferecer opor tunidade de escolher o método que lhe onvém. Recentemente, a Organização Mundial da Saúde declarou que «a tendência é procurar um substitutivo para a pilula anticoncepcional, levan-do-se em conta os problemas que vem causando às mulheres que a utilizam». Esse aspecto assume maior gravidade se considerarmos que no Brasil existem a ualmente 10 laboratórios multinacionais fabricando 28 marcas de anticoncepcionais, sendo que mais de 15, vendidos aqui livremente, são proibidos nos Estados Unidos

O que nos garante que o plano brasileiro não levaria tão-somente ao controle da natalidade, ao invés de melhorar nível de saúde das mães e das crianças Um programa que realmente pretenda elevar o nível de saúde das mães e das crianças só terá fundamento se houver

uma real melhoria das condições de vida. A melhor distribuição de renda maiores oportunidades de trabalho, de participação nos destinos da nação e de educação levariam, sem dúvida, e uma limitação espontânea, por parte de casais, permitindo inclusive que eles mes mos decidissem sobre o número de mos decidissem sobre o número de filhos que desejam ter. Nesta situação ao Estado caberia informar sobre o métodos existentes para evitar a gravi dez e dar condições para que o casal escolha livremente aquele que lhe con-vém. E, quando os métodos exigirem con role médico contínuo (como caso das pílulas e do DIU), determinas esse controle.

Mas estamos falando de condiçõe ideais, que ainda não existem no Bra sil, e para atingi-las é preciso muita lu a. No momento, o importante é que a possibilidade de controlar o número de filhos, separando assim o praze sexual da procriação - que é um direito das mulhers - não seja transformado em programas de controle da natalida-de irracionais, prejudiciais e muitas vezes coercitivos. Cabe a todos - principalmente às mulheres - assegurar isse desde já, exigindo informações sobre o métodos existentes para evitar a gravi-dez e a livre escolha do método a ser utilizado.

# SEXO: PECADO PARA AS MULHERES

A preocupação em manter o físico em forma e ter uma aparência saudável e agradável é sadia, tanto para o homem quanto para a mulher. No entanto, tudo o que vemos, lemos e ouvimos, é no sentido de nos convencer de que os homens não precisam se preocupar com essas coisas e que as mulheres deveriam passar a maior parte de seu tempo preocupadas com suas roupas, cabelo, etc.... E, para quê?

A resposta aparentemente, é óbvia: queremos agradar aos homens para encontrar um que nos ame e a quem amemos. Daí, nos casaremos, teremos muitos filhos e seremos muito felizes, como nas estórias de fadas. Pelo menos é esse o destino que todos dizem ser o melhor para a mulher: casar e ter filhos. E é a isso também que fica redu-

zida, na maior parte dos casos, a vida sexual das mulheres: agradar ao marido e procriar.

No entanto, a sexualidade é muito mais do que isso: é uma fonte inesgotável de prazeres físicos e psicológicos, de enriquecimento e de ampliação da afetividade. Infelizmente, porém, nem todas as mulheres conseguem usufruir de seu corpo pois são, muitas verse, usadas de forma brutal como objeto sexual do marido, ou então tratadas como meras máquinas de parir filhos.

Quando a mulher pode dominar seu corpo, pela contracepção (evitando a gravidez), separando assim a sexualidade da procriação, um grande passo foi dado no sentido da emancipação feminina. Para as mulheres, agora, ficou mais fácil escolher se desejam ou

não ter filhos e, desta maneira, amar sem o temor da gravidez indesejada. No entanto, ainda hoje não existe um método anticoncepcional que seja satisfacirio sob todos os pontos de vista, isto é, que não traga prejuizos à saúde e, ao mesmo tempo, ofereça toda a segurança. O progresso dos métodos anticoncepcionais corresponde, pois, a uma necessidade permanente da sexualida de realmente livre. Além disso, outros passos importantes precisam ser dados; é preciso destruir os preconceitos; é preciso enxergar o próprio corpo não como instrumento de prazer do outro, mas como fonte de prazer para ambos os sexos; é preciso ver que o sexo é bom, saudável e que o amor é uma das necessidades mais vitais de homens e mulheres.

# COMO EVITAR A GRAVIDEZ

Separar a procriação da sexualidade Separar a procriação da sexualidade não é uma preocupação de hoje. Há mais de 2000 anos já se utilizam métodos para evitar filhos. No entanto, até há muito pouco tempo, os métodos mais conhecidos deixavam exclusivamente nas mãos dos homens a responsabilidade de evitar a gravidez não desegada. Dentre estes, os mais comuns eram o cotio interrompido e o preservativo, ou camisa de Vênus.

Com o passar do tempo, novos métodos foram surgindo, sendo que a característica dos mais modernos é a de transferir para a mulher a responsabi-

transferir para a mulher a responsabi-lidade de engravidar ou não. Para as mulheres, essas descobertas significa-ram, sem dívida, um grande passo para a sua emancipação: elas podiam, enfim, controlar o seu corpo e não precisavam mais depender do «esque-cimento» ou irresponsabilidade de al-

Bom seria, se existissem métodos an

guns homens.

Bom seria, se existissem métodos anticoncepcionais que fossem ao mesmo tempo seguros, eficientes, convenientes, e de responsabilidade tanto do homem quanto da mulher. Isso, no en anto, não é fácil de conseguir, principalmente se considerarmos a existência de uma grande e poderosa indústria, que produz e comercializa os métodos anticoncepcionais, e que ganha muito dinheiro com os que já existem. Portanto, cabe a nós lutar para que se cientis as não vinculados a essas grandes indústrias encontrem outros métodos eficientes, baratos, de fácil uso pela mulher e pelo homem, e que não prejudiquem a saúde. Mas, enquanto esses novos métodos não são os que já existem. Portanto, é bom saber como funcionam, como utilizálos e quais são os cuidados que é preciso tomar:

TABELINHA (OGINO E KNAUS) - É ndos métodos mais antigos e tam-bém dos menos seguros. Só as mulheres que 'ém uma menstruação muito regu-lar podem usá-lo, Vejamos como fun-ciona numa mulher que fica menstruada de 28 em 28 dias ou de 30 em 30 dias; do primeiro dia até o décimo, pode haver relações sexuais sem perigo de engravidar; nos dez dias seguintes,

quando deverá ocorrer a ovulação (o ovulo solta-se do ovário e dirige-se para o útero, através das trompas), é preciso usar algum método preventivo; e nos dez días restantes, como o óvulo já estará morto (ele vive só um dia), as relações sexuais podem ser mantidas normalmente, sem perigo. Esse exemplo não serve para todas as mulheres. É preciso que cada mulher conheça a sua regularidade, anotando todo mês o dia em que fica menstruada, para estabelecer, com a ajuda do médico, os diasperigosos. Este método pode ser aperfeiçoado tomando-se a temperatura todos os dias, ao acordar e em jejum. A elevação súbita da temperatura significa que a mulher vai ovular dentro de 24 a 48 horas, quando poderá engravidar. PILULA - Sem dúvida, este é um dos mais ormatos más eficientes, mais fácil de ser usado e um dos mais baratos. No entanto, sem controle médico e dependendo do organismo da mulher, pode causar as mais graves doenças. como, por exemplo: trombolfebite (inflamação das veias); embolia (entupimento ção das veias); embolia (entupimento dos vasos sanguíneos); diabetes; toma-

da por adolescentes, pode causar a redução do seu crescimento; pode causar a atrofia dos ovários e neste caso a mulher ficaria estéril (não conseguiria mais ter filhos). Antés de se optar por esse método, a mulher deve fazer um rigoroso exame médico para saber se pode ou não usar a pílula. Feita a opção, deve seguir à risca certas orientações: 1) se acontecer algo de anormal com o organismo, enquanto estiver tomando a pílula, procurar um médico; 2) para de tomar a pílula durante dois a três meses por ano, para que o organismo descanse; 3) não usá-la durante muitos anos seguidos; 4) se estiver tomando a pílula e regra não descer, suspender imediatamente o uso, pois há grande probabilidade de estar grávida; 5) depois do parto, se a mãe quiser amamentar seu bebê, não deve domar a pílula, pois estudos recentes mostram que a pílula seca mais facilmente o leite, além de tirar proteínas, gorduras e cálcio, substâncias que os bebês precísam para crescer; é importante que a mulher adulta e sadia, disposta a tomar a pílula, mantenha-se

sob supervisão médica e faça exame de prevenção de câncer, pelo menos uma vez ao ano.

DIU (Dispositivo intra-uterino) - Não é fabricado no Brasil e, portanto, poucas mulheres têm condições de usá-lo. Tra-ta-se de um pequeno objeto que, colo-cado no útero, impede a gravidez na medida em que evita a fixação do ovo. medida em que evita a fixação do ovo. Os DIUs de cobre podem permanecer ativos durante dois anos e os de plástico, cinco. Porém, vários médicos reconendam que a mulher não permaneça com o mesmo dispositivo por mais de um ano. O DIU pode causar efeitos secundários como maior sangramento durante a menstruação, sangramento durante a menstruação, sangramento entre as regras, cólicas fortes. Se a mulher tiver sangramentos e cólicas constantes e fortes, deve ir ao médico retirá-lo. Mesmo as que não têm problemas devem fazer exames médicos periódicos.

PRESERVATIVO MASCULINO (Camisa de Vênus ou camisinha) - É o (Camisa de Vênus ou camisinha) - É o único contraceptivo masculino e pode ser usado por qualquer homem. Se a mulher usar um creme espermicida ao mesmo tempo, a segurança aumenta. Muitos acham que este método atrapalha o ato sexual. No Brasil, os preservativos são de péssima qualidade, mas em outros países há outros tipos, de fibras animais, que não atrapalham em nada a relação sexual.

Além desses métodos, existem ainda

Além desses métodos, existem ainda o diafragma e injeções contraceptivas que não são fabricados no Brasil e são difíceis de serem encontrados. O diadifíceis de serem encontrados. O dia-fragma é uma pequena capa de plástico ou de borracha, que é introduzido no útero para impedir a entrada do es-permatozóide. Quanto às injeções, o efeito pode durar de um a seis meses. Uma delas, a Depto-Probera, cujo efei-to pode durar de três ou seis meses, t usada em mais de 70 países. Embora seja fabricada nos Estados Unidos, lá seu uso é proibido, bem como na Ingla-terra. Apesar disso, o Fundo das Crianças da ONU. a Organização Mundial de Saúde e a Federação Inter-nacional do Planejamento Familiar (da qual a Bemían é uma espécie de filial) fazem a distribuição dessa injeção.



## MULHER, DEUSA DO LAR?

Olho ao meu redor e não vejo qual seria este lugar da mulher. Quando chove, a água da chuva molha, indiscriminadamente, tanto os homens como as mulheres. Na guerra, a bomba que cai dos possantes bombardeios não demonstra nenhuma preferência pelo sexo fraco ou pelo sexo forte. A inflação é uma praga que atinge homens e mulheres; o universo fisiológico e a manifestação da vida é a mesma para ambos. São necessários dois, um homem e uma mulher para formar um novo ser.

Se o universo pertence a ambos, se as mulheres constituem metade da huma-nidade, onde está este lugar da mulher? Se se acredita que um tem um lugar diferente do outro, quais seriam after?

Alguém me sugeriu que é o lar. Assim, a mulher - essa «deusa» de incomparável poder - já realiza o fenômeno mais importante do universo: a continuação da vida. E não deve a mulher ir para as fábricas, nem para a guerra, nem para as ruas, mas deve ficar protegida dentro das sagradas paredes do lar.

Fiz uma pesquisa sobre concepção, gravidez e parto numa região onde as mulheres não podem ficar no lar cerca-das de respeito e conforto. Elas acor-

dam pouco depois das 4 horas da madrugada (o marido ainda dormindo), preparam o almoço, debulham o milho, apanham água. As 6 horas vão para a roça com os maridos, aonde trabalham em pé de igualdade até de tardezinha. As 8 horas os maridos já estão dormindo e elas continuam realizando as tarefas domésticas. A noite acordam para olhar os filhos. E assim o lar é o lugar onde elas trabalham de segunda a domingo; a cama, o quarto catre onde conseguem fechar os olhos quando não há crianças chorando. Minhas entrevistadas aos 36 anos já são mulheres idosas; aos 20, os seios já estão envelhecidos... Não posso compreender, portanto, onde estaria a deusa do lar.» Zulmira R.M. Lins. Januária (MG).

## PELA SOBREVIVÊNCIA: CONTRA A COCA-COLA

«Eu e algumas amigas, discutindo o problema do consumo e do orçamento problema do consumo e do orçamento doméstico, chegamos a uma certa conclusão: deveríamos cortar algumas despesas desnecessárias e evitar as mercadorias prejudiciais à saúde das crianças, como a Coca-Cola e similares.

Por causa de nosso comodismo, a Coca -Cola, por exemplo, vem acabando com os sucos naturais, tão recomendados para crianças e adultos. Nosso grupo de mulheres é pequeno, mas tem um grande nome e uma proposta: Grupo pela Sobrevivência Física das Crianças Brasileiras. Objetivo: retirar os produ-tos coloridos artificiais de nossas casas. Isto pode ser feito por-qualquer pessoa e é isto que pedimos». M.L.Souza. São Paulo

### **OPRIMIDAS** DE NORTE A SUL

«A única palavra que pude dizer depois de ter lido este jornal hoje foi: vocês estão de parabéns! É assim mes-mo, nos unindo cada vez mais, que mo, nos unindo cada vez mais, que conseguiremos mudar alguma coisa; porque achar para si própria não adianta muito. Importante é debater o assunto entre nós, mulheres, e divulgarmos isto para todas as companheiras do Brasil inteiro. Porque não somos apenas nós, as do Sul, as oprimidas. As mulheres do Norte, cada vez mais vegetam e vêem seus filhos morrerem de subnutrição. Temos tantos problemas! Vamos nos unir para tentar resolvê-los, ou pelo menos tentar minorá-los., Por ou pelo menos tentar minorá-los., Por ou peio menos tentar minora-los., Por isso tudo eu dou o maior apoio a vocês e acho que muitas mulheres, não importa a idade, se verão no espelho lendo este jornal e se unirão a nós nesta luta». Lia de Souza, São Paulo

## CAMPANHA DE APOIO A «NÓS MULHERES»

Nosso jornal pede a leitores que con-tinuem escrevendo cartas, dando seus depoimentos, fazendo críticas e suges-tões, enviando notícias. Ademais como

continuamos com graves problemas de distribuição do jornal, pedimos a todas as pessoas que possam auxiliar nesta tarefa que nos escrevam dizendo quan-tos jornais poderiam ajudar a vender e em que locais (escolas, faculdades, igrejas, locais de trabalho etc.).

## CONVOCAÇÃO

No dia 24 de agosto, os professores de São Paulo vão-se reunir no Largo do Arouche para protestar contra as con-dições do ensino e a grave situação em

que vivem e trabalham atualmente.

O professorado de todos os níveis e escolas enfrentam os mesmos problemas: baixos salários, instabilidade de emprego, ausência de sindicatos repre-sentativos. Por isso mesmo vêm se organizando para lutar contra esse tipo de

nizando para lutar contra esse upo situação.

Em junho passado, mais de 400 pro-fessores protestaram, também no Lar-go do Arouche, contra suas condições de trabalho e entregaram ao secretário de Educação de São Paulo um memo-rial com mais de 10 200 assinaturas.

No próximo dia 24, mais uma vez entregarão ao secretário de Educação de São Paulo suas reivindicações.

Como suas lutas dizem respeito a

Como suas lutas dizem respeito a todos, aproveitam para convidar a po-pulação de São Paulo a participar desse dia de luta.

# **OUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA**

Norma Benguel, atriz, mulher batalhadora, lançou no último mês de junho um disco de compositoras brasileiras que falam da vida, do amor.

Que falam como ela mesma diz «de seu lado alegre e otimista». De «Abre Alas que eu quero passar» de Chiquinha Gonzaga a «Outra você não me faz» dela mesma e Ivone Lara, o disco propõe, entim, uma redescoberta de autoras brasileiras que tantas vezes são esquecidas. Abaixo ela nos conta o que esse disco significa e de que forma vê o feminismo.

«Queria fazer um filme documentário sobre compositoras brasileiras. Dessa idéla surgiu a do disco. Nele procurei unir o útil ao agradável; executar uma idéia nova no Brasil e dar força às nossas

compositoras.

Para mim, cantar foi um reencontro com que o começo de minha carreira, sendo que, ev desta vez, o refazendo feminino foi, sem truques, sexy. Exemplo, a foto da capa ex sou eu mesma, sem truques e cosméti-



meu lado de atriz dramática, fazendo personagens sofridos, neuróticos, abandonados, o público já conhece.

E um disco para pensar e causou um reboliço tão grande que chegou um momento em que me senti pressionada, sem saber o que responder sobre este trabalho.

E feminista? E isso? E aquillo? Não sei. Só sei que foi um trabalho feito com amor e garra. Se é político? Tudo é político. Viver no mundo de hoje, já e político.

Quando digo que é para pensar, é porque eu mesma continuo pensando no evento. Queremos coisas novas.

Nas minhas entrevistas não consegui explicar o que é o feminismo para mim, não sou boa oradora, talvez. Escrevendo talvez consiga, sem ser rotulada, sem me sentir um produto para ser vendido, consumido.

A emancipação da mulher, para mim.

con uma idéia busca a outra foi so conversando, eu e outras mulheres, e as musicas foram escolhidas. Alguns dos arranjos musicais feitos para dançar, para que, como diz minha mãe, quem canta seus males espanta.

E juntando o canto com a dança e o som das mulheres, a i está Norma Canta Mulheres.

A escolha das compositoras foi feita como porta-voz do que eu queria dizer no momento. Vontade de fazer um trabalmento momento. Vontade de fazer um trabalmento malegre, otimista e dando ao público um poutro lado mim, como uma criança rissonha neste mundo muito louco, pois o

Aqui seus filhos são tratados com o carinho que merecem.

BERCÁRIO E RECREAÇÃO PARA CRIANÇAS DE 0 a 3

ANOS

Rua Prof. João Arruda, 199 Perdizes - São Paulo

## dê uma olhadinha na Livraria Zapata

Na compra de 2 livros você ganha um

número de «Nós

**Viulheres»** de presente

Rua Cesário Mota. Jr. Fone: 222-2861

## PELA IMPRENSA INDEPENDENTE

Bagaço **ESCRITA** Coojornal

COBRADEVIDRO

IPASOUIIA

DE FATO

MOVIMENTO

BRASIL MULHER

versus









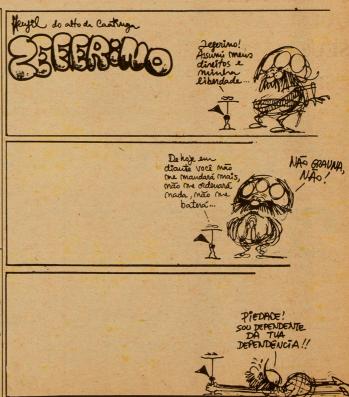




## CONTRIBUACOM NÓS MULHERES FACA SUA ASSINATURA

Para isto, envio cheque nominal de Cr\$ 50,00 para a Associação das Mulheres à Rua Fidalga, 548, sala 26, Vila Madalena - São Paulo - Capital. Essa assinatura dará direito a 6 números do Jornal.

NOME	
RUA	N°
BAIRRO	CEP
CIDADE	. ESTADO
NOME	



Falar de cooperativa para quem está preocupado com o arroz e feijão nosso de cada dia, parece uma maneira besta de tomar o tempo de quem tem pouco tempo, a não ser para o trabalho. Mas de cooperativismo também vive o homem, a mulher e a criançada toda

O cooperativismo nasceu com um problema de arroz e feijão, ou melhor, de batata com manteiga. Foi em Roch-dale, na Inglaterra, entre operários da indústria de tecidos, em 1844. A situação desses operários não era nada boa A grande maioria dos trabalhadores A grande maioria dos trabalhardes, homens e mulheres, tinha de trabalhar de 16 a 18 horas por dia, assim como as crianças menores de 8 anos tinham uma jornada de trabalho de 10 horas. Além disso, não havia garantias de trabalho, estabilidade, aposentadoria, serviço médico e, no fim do mês, feitas as contas, sobravam dividas e faltavam o arroz e o feijão. Ou a batata

Aí os trabalhadores resolveram se organizar, mas não foi fácil. Tiveram de brigar, e muito, contra os donos das fábricas, que também eram donos dos armazéns e mercadinhos onde os trabalhadores eram obrigados a se abaste-cer. Essa briga surgiu porque os trabalhadores resolveram se organizar para defender um dos seus direitos, a ali-mentação, que, afinal, é direito de qualquer um.

Uma das maneiras de defender seu direito de alimentação era brigar con-tra o sistema de comércio que controlava a distribuição dos alimentos, os pre-

### **LUCROS E SOBRAS**

está sempre procurando uma coisa, o lucro. O lucro é tudo na vida do comer-ciante e do industrial. Eles vivem para ter lucro e, quanto mais puderem ter, melhor se sentem. Nós até poderiamos dizer que existem lojas e indústrias porque existem pessoas que querem lucrar com isto. É lógico que, do outro lado deste lucro, está a necessidade que as outras pessoas, aquelas que não lucram - têm de comprar os produtos que são produzidos pelos industriais e vendidos pelas lojas.



# **ASSIM É MAIS BARATO**

É por isso que nasce a cooperativa, inimiga, até o fim, do lucro. É para que as pessoas possam ter o que precisam sem passar pelas mãos dos comerciantes, que aumentam os preços para lu-crar até não poder mais.

A cooperativa deve atender às necessidades de todos, abaixando ao máximo o preço dos produtos e, se por acaso, depois de todos os gastos, ainda sobrar algum dinheiro, deve dividir esta sobra com todos os trabalhadores associados. Isto acontece justamente porque, na cooperativa, não existem só alguns donos, como na fábrica e no armazém, mas, ao contrário, porque todos os trabalhadores são donos da cooperativa.

### O CONTROLE DEMOCRÁTICO

Daí a diferença mais importante: os interesses e as necessidades dos sócios só podem ser defendidos pelos próprios sócios, e não por uma ou duas pessoas. Porque, se os sócios elegem uma diretoria para cuidar da coperativa em seu nome, a função dela é destacar e fazer prevalecer interesses comuns, indepen-dente dos pessoais. Qualquer diretoria representa e deve executar os interesses dos associados em seu conjunto, prestando conta de seus atos. É por causa disso que, em Rochdale, a primeira cooperativa nasceu e se organizou ten-do por princípio o controle democráti-co - é a participação dos sócios que possibilita a organização em torno dos problemas mais importantes dos traba-lhadores, e determina o modo de resol-

## TIPOS DE COOPERATIVAS

As cooperativas que cuidam da distribuição dos alimentos são chamadas cooperativas de consumo. Mas não adianta querer distribuir alguma coisa se o dono da fábrica, ou da fazenda, segura os produtos. Por isso, foi necessário que as cooperativas passassem a

preços mais baixos o que os trabalha-dores precisavam: são as cooperativas de produção.

E assim por diante: para cada neces-sidade, os trabalhadores se organiza-ram em cooperativas diferentes - de trabalho, de educação, de crédito etc., para que a produção e a repartição fossem organizadas socialmente, pois, cooperativismo, em língua de gente, é a maneira de fazer junto aquilo que não dá certo fazer sozinho

### COOPERATIVISMO NO BRASIL

ram a aparecer em fins do século passado e, com o tempo, surgiram leis e órgãos oficiais para controlá-las. Só em São Paulo, existem hoje mais ou menos 230 cooperativas de consumo, sendo que a grande maioria é das fábricas, enquanto que as independentes não chegam a 10%.



problemas mais importantes dos traba-lhadores, as próprias empresas passa-ram a estimular a formação de cooperativas, organizando associações com o dinheiro do próprio trabalhador e con-tribuindo com uma parte, que é destribuindo com uma parte, que é contada em seu imposto de renda

Então, o trabalhador não se preocu-pa com o fim do salário antes do fim do mês, porque pode comprar para des-conto em folha, sem dinheiro à vista, mesmo quando as mercadorias são mais caras. Este é, para as empresas, um modo de tentar manter a «paz na casa», em troca da alimentação mínima garantida. E como a cooperativa recebe dinheiro da empresa, acaba servindo aos interesses da empresa.

## COOPERATIVAS INDEPEN-

tivas independentes, que não recebem dinheiro algum das empresas e vivem só por causa do dinheiro de seus sócios.

E essas cooperativas podem se organi zar de duas maneiras: ou funcionan como verdadeiros supermercados, onde o sócio só vai fazer compras e nunca sabe o que realmente acontece lá dentro - neste caso, elas deixam de ser cooperativas e viram pequenas empresas. Ou podem funcionar com a participação dos associados - pois se a gente não sabe como as coisas funcionam não sabe se elas estão certas - já que é através do controle e da participação dos trabalhadores que a cooperativa pode cumprir suas funções. De outro lado, se a cooperativa fica na mão de um grupo pequeno de pessoas, estas poderão fazer de conta que os seus problemas são os de todos, substituin do os interesses da maioria pelos seus

E defender o nosso bolso não é fácil; mas quem melhor do que o trabalha-dor para defender seus interesses ?

cooperativa só existe, portanto quando a defesa de nossos interesses é exercida democraticamente por todos aqueles que dela participam. É na luta em torno de interesses comuns que a gente assegura nossos próprios direitos.

# **CONTRA A CARESTIA**

Uma outra maneira que a população da periferia de são Paulo tem encontrado para defender seu direito de se alimentar, na luta contra a alta do custo de vida, é a formação de «mutirões de compras», ou «compras em comum», tal como acontece na Vila Morro Grande (Zona Oeste) e em São Mateus (Zona Leste), lugares onde a renda familiar mal chega a Cr\$ 2.000,00.

2.000,00. Sem formar cooperativas, algumas famílias resolveram se unir em seus bairros e fazer compras por atacado. Desta forma, o abastecimento básico sai mais barato e, como diz Vitor Luiz, sai mais barato e, como diz vitor Luiz, da vila Morro Grande, ea economia é de Cr\$ 150,00°, por mês, em comparação com os preços do armazém. As compras são feitas mensalmente e, para cada compra, pesagem e distribuição, as famílias se revezam: toda vez

ção, as familias se revezam: toda vez vai um grupo diferente.

E quer em São mateus, com 50 famílias, quer em Vila Morro Grande, com 17 famílias, o sistema de mutirão de compras funciona como uma forma de defesa e participação dos trabalhado

res. Exemplo disto é o caso de Deraldo, de Vila Morro Grande: quando sua mulher ficou grávida, foi despedida do lugar em que trabalhava e Deraldo, que não tinha especialização, só fazia sbico». Como resultado, a familia não tinha com o que viver, e foi, unidos em «mutirão», que os moradores da Vila se organizaram para tentar resolver um problema da comunidade: a subsistência de Deraldo. Ou, no caso, de São Mateus, onde o pessoal que participa das compras, dividia entre si as compras do mês de uma outra familia, caso houvesse doença ou desemprego.

Porque o problema de um morador afeta a vida de todos, é que se exige a participação constante, pois «é vindo e discutindo que a gente se une». Em conseqüência, quando alguém falta em mais de três reuniões seguidas, é excluído das compras da Vila Morro Grande. Isto também faz com que, nas eleições anuais de São Mateus, seja obrigada a renovação total dos responsáveis pelas «compras em comum»: «para que ninguém se acostume com o poder».

